



CRB

Quadro programático da CRB para o triênio 2013-2016

HORIZONTE

Como discípulos de Emaús, reconhecemos que estamos numa encruzilhada da nossa história. Aconteceram coisas que não esperávamos e nos perguntamos por nossa identidade e missão.

Creemos que Jesus Ressuscitado caminha conosco, aquece o nosso coração e nos convida, por sua Palavra, a viver a radicalidade do seguimento com alegria e esperança. Levantamo-nos com entusiasmo renovado para ir às fronteiras da missão, abraçando a causa dos pobres e dos jovens, ouvindo seus gritos e compartilhando suas dores. E humildemente imploramos: Permanece conosco! (cf. Lucas 24,13-35).

PRIORIDADES

1. Identidade e mística

Permanecer com Jesus, que caminha conosco e faz arder o coração, para reapropriar-nos do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada.

2. Missão, profecia e juventudes

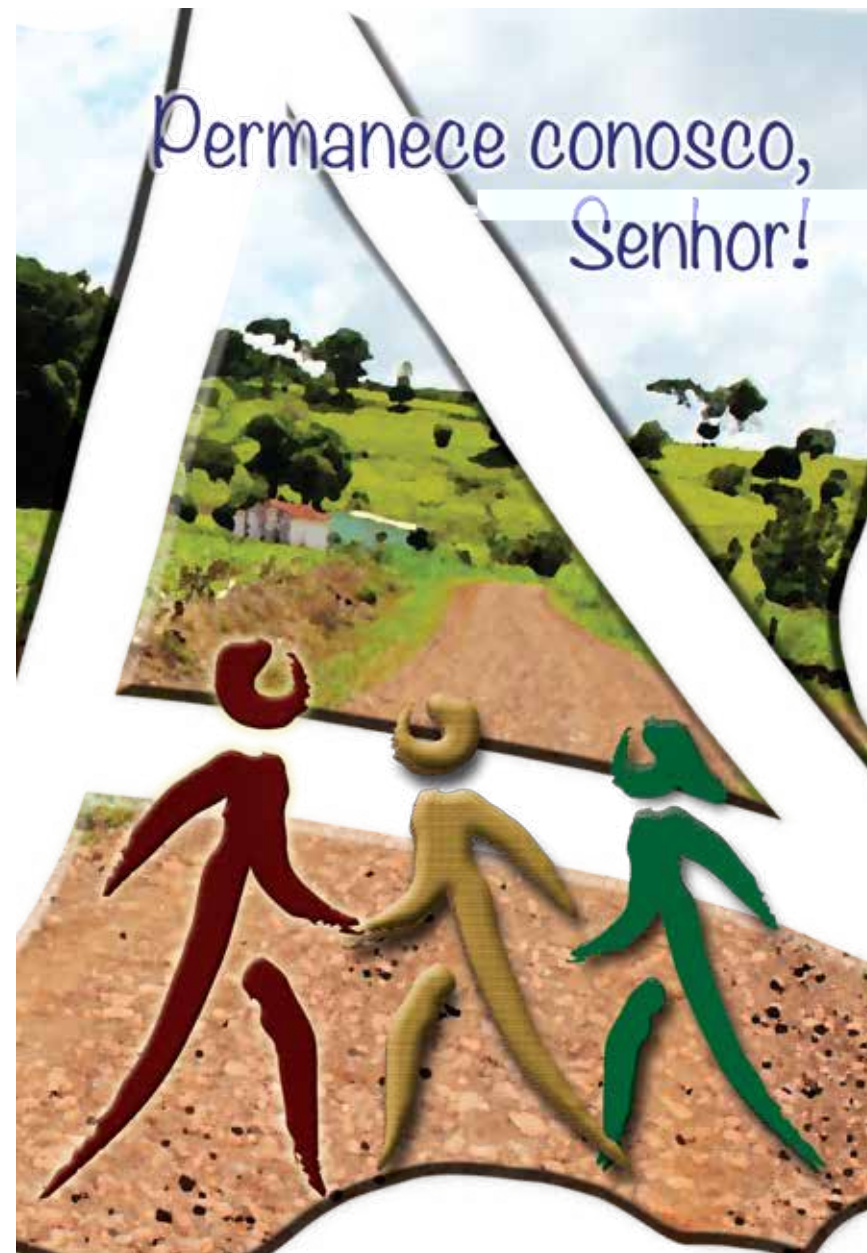
Priorizar a presença missionária e a atuação profética, nas situações de fronteira (humanas, geográficas, sociais e culturais) e periferias, com ênfase na realidade das juventudes e onde a vida é mais ameaçada.

3. Intercongregacionalidade e leveza

Fortalecer a intercongregacionalidade e proporcionar a partilha de carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão.

4. Formação

Qualificar o processo formativo em todas as suas etapas e dimensões, com ênfase nas novas gerações, no cuidado e na hospitalidade, para humanizar as relações e viver intensamente a mística e a profecia.



- **Natal: mensagem do Papa Francisco**
- **Ano da VRC: a alegria da e na consagração**
- **Natal, o Mistério: festa de grande alegria!**
- **Natal: sim de Maria, mulher conectada**

Sumário

Editorial

CRB, 60 anos a serviço do Reino e Ano da Vida Religiosa Consagrada 697

Mensagem

Natal: Mensagem do Papa Francisco 699

Memória dos 60 anos da CRB 701

Baú da Memória

A experiência dos religiosos indígenas hoje 707

Informes

Mensagem final do III Seminário Latino-Americano e Caribenho de Religiosos Irmãos 716

Congregação das Servas da Santíssima Trindade celebra o centenário da Fundadora 719

Artigos

Ano da VRC. A alegria da e na consagração: olhando para Maria MOACIR CASAGRANDE 723

Natal, o Mistério: festa de grande alegria! MAURO NEGRO 737

Natal: sim de Maria, mulher conectada RITA ROMIO 745

O diálogo inter-religioso no século XXI ANDRÉ LUIS PIMENTEL MOUSINHO 754

Acompanhamento espiritual: a contribuição e a participação ativa dos leigos VIRGÍNIA SANTOS 769



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETOR

Ir. Paulo Petry, fsc

EDITOR

Ir. Lauro Daros, fms

REDATOR

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL

Ir. Helena Teresinha Rech, stt
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitorio, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília – DF
Tel.: (61) 3226-5540 – Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:
Manuel Rebelato Miramontes

Coordenação de revisão:
Marina Mendonça

Revisão:
Mônica Elaine G. S. da Costa e Sandra Sinzato

Impressão:
Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:
Ir. Paulo Petry

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual 2015: Brasil: R\$ 125,00

Exterior: R\$ 175,00 • Números avulsos: R\$ 12,50 (Brasil) e R\$ 17,50 (exterior)



ASSINATURAS 2015

Prezado(a) assinante,

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 125,00 (para o Brasil)
- R\$ 175,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <crbnacional.org.br>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 1230-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br
ou pelo telefone **(61) 3226-5540**
ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).

CRB, 60 anos a serviço do Reino e Ano da Vida Religiosa Consagrada

697

EDITORIAL

Estimados leitores, estimadas leitoras, recebam da Conferência dos Religiosos do Brasil os votos de Feliz Natal e abençoado 2015, com o encerramento das comemorações dos 60 anos da CRB e o início do Ano da Vida Religiosa Consagrada.

Recebam também com alegria e paz, e comovidos pela bondade de Deus, a Mensagem de Natal do Papa Francisco.

E recebam ainda a Mensagem do Frei Carlos Mesters pelos 60 anos da CRB. Ele diz que os 60 anos são um desafio para continuar e aprofundar a criatividade e o compromisso de fidelidade no seguimento de Jesus e na busca de Deus.

Baú da Memória encerra-se com o texto “A experiência dos religiosos indígenas hoje”. Frei Florêncio Almeida Vaz trazia, em março de 1996, a grande diferença entre o pensamento e a vida na sociedade indígena e a Vida Religiosa Consagrada e, conseqüentemente, as dificuldades da adaptação. Analisemos se essa diferença persiste.

A seção Informes oferece dois textos. A Mensagem final do III Seminário Latino-Americano e Caribenho de Religiosos Irmãos. O Seminário se realizou na Colômbia, de 14 a 16 de agosto. Em seguida, Ir. Gelza Maria e Ir. Helena Rech falam sobre o centenário de Irmã Maria Celeste Ferreira, fundadora da Congregação das Servas da Santíssima Trindade.

Na seção Artigos, cinco textos contribuem para a formação continuada da VRC.

Frei Moacir casagrande escreve sobre o “Ano da VRC: A alegria da e na Consagração: olhando para Maria”. Diz o

autor: “Este artigo, partindo do título da carta dedicada aos religiosos e religiosas, caminha pelos fundamentos bíblicos da consagração e privilegia o anúncio do anjo Gabriel a Maria: ‘Alegra-te, ó cheia de graça’ (Lc 1,28)”.

“Natal, o Mistério: festa de grande alegria!” (Pe. Mauro Negro) e “Natal: sim de Maria, mulher conectada” (Irmã Rita Romio) são duas reflexões sobre a beleza do Natal. Padre Mauro apresenta Jesus como “ternura do céu que na terra brotou” e reflete sobre o sentido profundo do Natal, realidade fascinante e amorosa que vai muito além das convenções comerciais ou sociais. Irmã Rita Romio destaca a figura de Maria. Para ela, “o Natal é um belo momento de tantas mulheres, mães ou religiosas, que também proclamam o *Magnificat* como seu testemunho de fé, esperança e defesa da vida”.

André Luis apresenta o texto “Diálogo inter-religioso no século XXI”. Destaca o diálogo entre as religiões como um dos grandes desafios para a construção da paz. “O diálogo inter-religioso requer uma atitude de busca profunda, uma convicção de quem está caminhando em solo sagrado. Ele requer também certa cortesia espiritual, isto é, uma abertura de coração de ambos os lados. Requer igualmente uma espécie de conversão ao universo do outro. O diálogo insere uma comunicação mútua e um relacionamento amistoso entre fiéis de religiões diferentes”.

Por fim, Ir. Virgínia Santos fala sobre um assunto importante, mas pouco valorizado na VRC: “Acompanhamento Espiritual”. Ela cita as palavras do Papa São João Paulo II: “É preciso redescobrir a grande tradição do Acompanhamento Espiritual pessoal, que sempre deu tantos e tão preciosos frutos na vida da Igreja”.

Natal, tempo de me envolver com encanto no Mistério. Jesus, ao nascer na manjedoura, no cenário bucólico, entre animais, no abrigo da gruta, sob as estrelas, oferece-me a beleza da intimidade de Deus com a natureza e revela-me a riqueza da simplicidade divina. E o nascer do Menino à meia-noite simboliza o salto para um novo tempo de esperança.

IR. LAURO DAROS, marista

Natal: Mensagem do Papa Francisco

“Glória a Deus nas alturas
e paz na terra aos homens do seu agrado.”
(Lc 2,14)

Queridos irmãos e irmãs de Roma e do mundo inteiro, bom-dia e feliz Natal!

Faço meu o cântico dos anjos que apareceram aos pastores de Belém, na noite em que nasceu Jesus. Um cântico que une céu e terra, dirigindo ao céu o louvor e a glória e, à terra dos homens, votos de paz.

Convido todos a unirem-se a este cântico: este cântico é para todo homem e mulher que vela na noite, que tem esperança de um mundo melhor, que cuida dos outros procurando humildemente cumprir o seu dever.

Glória a Deus. A primeira coisa que o Natal nos chama a fazer é isto: dar glória a Deus, porque ele é bom, é fiel, é misericordioso. Neste dia, desejo a todos que possam reconhecer o verdadeiro rosto de Deus, o Pai que nos deu Jesus. Desejo a todos que possam sentir que Deus está perto, possam estar na sua presença, amá-lo, adorá-lo.

Possa cada um de nós dar glória a Deus sobretudo com a vida, com uma vida gasta por amor d’ele e dos irmãos.

Paz aos homens. A verdadeira paz – como sabemos – não é um equilíbrio entre forças contrárias; não é uma bela “fachada”, por trás da qual há contrastes e divisões. A paz é um compromisso de todos os dias, mas a paz é artesanal, realiza-se a partir do dom de Deus, da graça que ele nos deu em Jesus Cristo.

Vendo o Menino no presépio, Menino de Paz, pensamos nas crianças que são as vítimas mais frágeis das guerras, mas

pensamos também nos idosos, nas mulheres maltratadas, nos doentes... As guerras dilaceram e ferem tantas vidas!

Ó, Menino de Belém, tocai o coração de todos os que estão envolvidos no tráfico de seres humanos, para que se deem conta da gravidade deste crime contra a humanidade. Voltai o vosso olhar para as inúmeras crianças que são raptadas, feridas e mortas nos conflitos armados e para quantas são transformadas em soldados, privadas da sua infância.

Senhor do céu e da terra, olhai para este nosso planeta, que a ganância e a ambição dos homens exploram muitas vezes indiscriminadamente. Assisti e protegei quantos são vítimas de calamidades naturais.

Queridos irmãos e irmãs, hoje, neste mundo, nesta humanidade, nasceu o Salvador, que é Cristo Senhor. Detenhamo-nos diante do Menino de Belém. Deixemos que o nosso coração se comova: não tenhamos medo disso. Não tenhamos medo de que o nosso coração se comova! Precisamos que o nosso coração se comova. Deixemo-lo abrasar-se pela ternura de Deus; precisamos das suas carícias. As carícias de Deus não fazem feridas: as carícias de Deus dão-nos paz e força. Precisamos das suas carícias. Deus é grande no amor; a ele, o louvor e a glória pelos séculos! Deus é paz: peça-mos-lhe que nos ajude a construí-la cada dia na nossa vida, nas nossas famílias, nas nossas cidades e nações, no mundo inteiro. Deixemo-nos comover pela bondade de Deus.

A CRB completa 60 anos. Quem faz aniversário, faz uma parada, olha para trás e faz revisão. Faz festa para agradecer os dons recebidos e procura reforçar o compromisso de continuar na fidelidade. Este é o motivo que temos para celebrar os 60 anos da CRB.

A origem da CRB tem a ver com a renovação que estava acontecendo na Igreja na época do pós-guerra e que culminou na convocação do Concílio Vaticano II, pelo Papa São João XXIII. Era um tempo bonito, provocador e desafiador. Uma caminhada cheia de curvas, como o rio que busca o seu caminho em direção ao mar. Às vezes, na planície, muito largo e calmo, parece que está parado. Outras vezes estreito, entre duas montanhas, impetuoso, levando consigo tudo que encontra no caminho. Por isso, é bom fazer memória e olhar para trás. *Re-cordar* significa: *re-passar* os fatos pelo coração.

Re-cordar não só os 60 anos da CRB, mas também as centenas de anos da própria Vida Religiosa Consagrada, fonte permanente da CRB. Ninguém sabe a idade exata da Vida Religiosa Consagrada. Ela já existia antes de receber o nome. Sua origem se perde nos inícios do Antigo Testamento. Ela tomou forma concreta no seguimento de Jesus e a CRB é uma das suas muitas e bonitas manifestações.

A remota origem da Vida Religiosa Consagrada

Em todos os povos sempre aparecem pessoas que se sentem chamadas para responder ao desejo profundo do ser humano em direção a Deus; pessoas que se identificam com

este desejo e procuram ajudar os outros a redescobrir o sentido da vida no reencontro com Deus. Assim aconteceu com as tribos de Javé na época do Êxodo e dos Juízes. Em todas essas tribos havia pessoas que se sentiam chamadas para manter viva, no povo, a memória do Deus libertador. Eram os Levitas. Moisés é conhecido como um levita (cf. Ex 2,1-10; Nm 26,57-59).

Originalmente, os *Levitas* não eram uma tribo. Existe até um levita da tribo de Judá (cf. Jz 17,7). Eram pessoas das várias tribos que se agrupavam ao redor desta missão mediadora. (A palavra hebraica *levi* significa agrupar-se, aderir, acompanhar). Elas foram sendo identificadas como uma tribo ao lado das outras tribos, a tribo de Levi. Foram reconhecidas, diríamos hoje, como uma “congregação”, a “congregação de Levi”.

Nos antigos mosteiros, quando se apresentava um candidato para entrar na Vida Religiosa Consagrada, davam a ele um *anjo* para acompanhá-lo e verificar “*an vere Deum quaerit*” (se realmente busca a Deus). Pois, se a motivação básica não for a busca de Deus, não há lugar para ele na Vida Religiosa Consagrada. A busca de Deus é a raiz permanente que está na origem da “tribo de Levi” e é a raiz de onde, sempre de novo, nasce e renasce a Vida Religiosa Consagrada nas suas múltiplas formas. Uma delas é a CRB.

A missão da Vida Religiosa

Desde o início, a missão dos levitas era associada com os acontecimentos do Êxodo. Era naquelas histórias antigas do seu passado que eles encontravam o rumo da sua missão; histórias de que nós hoje dizemos: “Quem conta um conto aumenta um ponto”. Eles aumentavam um ponto, sim, mas não para falsificar os fatos. Era para destacar melhor a sua mensagem. Acentuamos três aspectos da missão dos levitas.

(1) Ser a propriedade particular de Javé

A décima praga da morte dos primogênitos venceu a resistência do faraó e permitiu a libertação do povo do Egito.

Por isso, todo primogênito era considerado propriedade de Javé. Não podia ser usado para outras finalidades. As primícias das colheitas e dos animais deviam ser oferecidas a Javé. Se o animal era de muita utilidade para a sobrevivência da família, o dono podia conservá-lo para si, mas devia pagar a Deus um preço como resgate (cf. Ex 13,11-16). Para os primogênitos humanos, o resgate pago a Deus eram os levitas. O próprio Deus afirma: “Eu mesmo escolhi os levitas entre os filhos de Israel, para substituir os primogênitos, aqueles filhos de Israel que abrem o seio materno. Portanto, os levitas são meus. De fato, todo primogênito me pertence, pois no dia em que matei os primogênitos na terra do Egito, consagrei para mim todos os primogênitos de Israel, tanto homens como animais. Eles me pertencem. Eu sou Javé” (Nm 3,11-13). Os levitas são de Javé. Javé os escolheu e os reservou para si.

(2) Impedir o retorno para o Egito

Era frequente a tentação de voltar para o Egito (Nm 14,1-4; Ex 14,11-12), de dar as costas para Javé e deixar de lado a sua Lei. A Lei de Deus tinha sido dada como caminho para manter a liberdade conquistada no Êxodo e impedir o retorno para o Egito (cf. Ex 20,2; Dt 5,6). Observando a Lei, o povo não voltaria nunca mais para a escravidão. Os responsáveis por ajudar o povo na observância da Lei e impedir o retorno para o Egito eram os Levitas (Dt 33,10; 31,11; Ne 8,7).

(3) Ter como herança o próprio Javé

A tribo de Levi não recebeu terra como herança. A herança dos levitas era o próprio Javé (cf. Js 13,33; 14,3-4; 18,7; Dt 18,1-2; Eclo 45,22). Eles deviam manter viva e irradiar no meio do povo a presença de Javé, a memória do Êxodo e a observância da Lei de Deus. Por isso, a tribo de Levi não podia estar confinada numa determinada região geográfica, separada das outras tribos, mas devia estar em toda parte para poder exercer esta função no meio das tribos. O fermento deve estar no meio da massa e não ao lado dela. Por isso, não podiam ter uma herança de terra, separada das outras.

Exercendo a sua missão

Na época dos Juízes, não havia templo central nem matriz. Os levitas viviam inseridos no meio do povo, ao redor dos pequenos santuários de peregrinação, onde o povo vinha renovar e celebrar sua fé. Cada santuário estava ligado a algum acontecimento do passado do tempo dos Patriarcas e Matriarcas ou dos Juízes. Era uma maneira de manter viva a memória e de aprofundar sua identidade e missão como povo de Deus. Eis alguns destes santuários: *Siquém*, onde Abraão recebeu a promessa da terra e fez um altar (Gn 12,6-8); *Hebron*, o carvalho de Mambré, lugar do enterro de Sara e Abraão (Gn 13,18; 23,1-20; 25,7-10); *Jerusalém*, onde Abraão encontrou o rei sacerdote Melquisedeq (Gn 14,18-20); *Bersheba*, onde Abraão fez um altar e Isaque cavou poços (Gn 21,32-34; 22,19; 26,23-25); *Betel*, ligado à visão da escada de Jacó (Gn 28,19-22; Gn 13,3; 1Sm 7,16; 2Rs 2,3) etc.

A maior parte desses pequenos santuários estava situada nos assim chamados *lugares altos*, onde, antes da chegada dos israelitas, os povos cananeus praticavam o culto ao Deus Baal, o deus da fertilidade, da produção e da reprodução. Através da sua atuação nos pequenos santuários, os levitas e as levitas ajudavam o povo a se afastar do culto de Baal e a aderir com maior firmeza a Javé que os libertou da escravidão do Egito (1Sm 7,2-6).

Jesus é a confirmação desta longa história. Ele é a propriedade particular de Deus e veio revelar um novo rosto de Deus como Pai. Ele ensinou o sentido pleno da Lei de Deus. Ele veio libertar os oprimidos e tirar os presos do cárcere. Chamava pessoas para segui-lo nessa sua missão de anunciar ao povo a Boa-Nova de Deus. Jesus é, ao mesmo tempo, ponto de chegada e ponto de partida. A partir dele começa a nova e definitiva caminhada da Vida Religiosa Consagrada, da qual a CRB faz parte.

A CRB: dando continuidade à Missão da Vida Religiosa Consagrada

Muitas foram as iniciativas da CRB ao longo destes sessenta anos. Iniciativas que dão continuidade a esta longa

caminhada. Motivo de agradecer a Deus! Lembro só algumas iniciativas:

A primeira e principal iniciativa é o surgimento da própria CRB e o seu esforço contínuo e constante de suscitar contatos e provocar partilha entre as várias congregações e nos vários níveis da vida e das atividades pastorais dos religiosos e religiosas no Brasil. Isto faz com que os vários ramos, congregações, institutos e ordens criem maior consciência de estarem enxertados no grande tronco da Vida Religiosa Consagrada, que vem desde Jesus e desde aqueles remotos inícios da história dos levitas. Descobrimos nossa origem comum que fica para além de cada um dos ramos e nos leva até a raiz da árvore da Vida Religiosa, que é o seguimento de Jesus e a busca de Deus. O projeto de formação da CRB para os vários níveis do processo de formação da Vida Religiosa Consagrada (postulinter, novinter, juninter) ajuda a concretizar este objetivo comum.

Muito importante foi e continua sendo o projeto *Palavra-Vida*, que fez crescer entre nós a prática da Leitura Orante da Palavra de Deus. Inicialmente, era para ser um projeto da CLAR para religiosos e religiosas de toda a América Latina. Mas a resistência de algumas autoridades episcopais ligadas ao CELAM tornou inviável a sua realização em nível de América Latina. A decisão corajosa da CRB trouxe o projeto para o Brasil, onde foi realizado e aumentado de cinco para sete anos, dando os seus frutos até hoje.

Outra iniciativa muito importante é o surgimento e a promoção das comunidades inseridas no meio popular. Sem elas, a renovação da Igreja não teria chegado onde chegou, nestes 60 anos, desde os tempos do Vaticano II. Como os levitas e as levitas, as comunidades religiosas inseridas viviam e vivem misturadas no meio povo com mil e um tipos de serviços: conversa, visita, catequese, saúde, celebração da palavra, ensino, colégios, comunidade, visita aos doentes, sindicato, luta pelos direitos humanos, defesa dos injustiçados, círculos bíblicos etc. Elas sustentam e animam a fé do povo.

Importante e contagiante é a preocupação missionária da CRB em ajudar lá onde a necessidade é maior, tanto no Brasil, na região amazônica, como fora do Brasil, no Haiti e na África.

Os sessenta anos de CRB são motivo para agradecer a Deus, são uma ocasião para fazer uma revisão da nossa caminhada, são um desafio para continuar e aprofundar a criatividade e o compromisso de fidelidade no seguimento de Jesus e na busca de Deus.

FREI CARLOS MESTERS, carmelita

A experiência dos religiosos indígenas hoje

Existem religiosos indígenas no Brasil? Sim, não são muitos, é verdade, e sobre eles quase não se ouve falar. O que eles teriam a dizer sobre a sua experiência nas comunidades religiosas e nos seminários? Pensando em obter uma primeira resposta a esta questão, o Grupo de Reflexão dos Religiosos Negros e Indígenas (GRENI) realizou uma sondagem em nível nacional com os próprios religiosos indígenas. De aproximadamente 100 questionários enviados, quatorze foram devolvidos com resposta. Certamente é um número pequeno, mas o resultado da análise do conteúdo é muito significativo e pode dar margem a boas reflexões sobre a formação de religiosos e sacerdotes indígenas em nossa Igreja.

As respostas estavam assim distribuídas: (a) região – a maioria veio da Amazônia (11); do Nordeste vieram duas e uma do Centro-Oeste; (b) idade – 7 pessoas com menos de 30 anos, 2 entre 30 e 60 e 5 com mais de 60; (c) sexo – 12 mulheres e 2 homens; (d) estudos – 4 possuem o 2º grau e 10 têm curso superior (as mulheres com formação variada nos campos das Ciências Sociais, Comunicação ou Teologia, e os homens estudam Filosofia e Teologia em preparação para o sacerdócio). Desses indígenas, 8 são desaldeados ou não souberam identificar sua nação de origem e seis nasceram e viveram em aldeias.

Mesmo estando as respostas bem distribuídas geograficamente e entre jovens e pessoas idosas, é claro que nos permitem tirar conclusões gerais; porém, o que apontamos vale como a representação da opinião de um número não negligenciável de pessoas. Devemos levar em conta também o fato de que muitos religiosos que poderiam ser classificados

como indígenas não se reconhecem como tais. Nesse sentido, o próprio fato de responder o questionário já é uma afirmação da identidade indígena, assim como o fato de tê-lo ignorado pode indicar uma falta de interesse em enfatizar sua identidade.

Índio não, indígena

O termo “índio” não é aceito pela maioria, por razões históricas e pelo preconceito que carrega em si. A palavra usada por Cristóvão Colombo para definir os moradores originários da América, pensando tratar-se das Índias, no senso comum lembra uma gente nua, *selvagem*, andando pelas florestas e matando impiedosamente. Então, é compreensível que ninguém queira assumir esse estigma. Em contrapartida, observa-se neste momento toda uma luta dos povos indígenas para reafirmarem sua identidade étnica e seus direitos. Até povos que se pensava extintos, como os Kariri-Xocó no Nordeste, reapareceram como “índios” lutando por terra e pela preservação de sua cultura. Alguns religiosos indígenas também querem ser reconhecidos como “diferentes” da sociedade nacional, mas não como “índios”, preferem a palavra “indígena”.

Apesar de ter a mesma raiz etimológica que “índio”, “indígena” tem um sentido político: é uma autoidentificação e não mais o resultado de uma imposição do colonizador europeu. É sintomático que somente uma pessoa se disse “índia” e outros não quiseram nem “índio” nem “indígena”, mas “nativo”. Uma única Irmã, de certa idade, se disse “cabocla” (“Desde que me entendi sempre escutei me chamarem de cabocla”); outro termo abominado por ser muito depreciativo. Enfim, nos tempos do politicamente correto os nomes usados na classificação de grupos são objeto de muita discussão, principalmente quando carregam algum peso de discriminação.

O indígena na Vida Religiosa Consagrada

Houve unanimidade em mostrar a grande diferença entre o pensamento e a vida na sociedade indígena e a Vida Religiosa Consagrada e, conseqüentemente, as dificuldades da adaptação. Quais as principais diferenças?

Linguagem

É grande a dificuldade de aprender a pronúncia e a gramática corretas do português. Por isso expressar-se claramente de início é um problema. Há na nova língua o predomínio de expressões abstratas, distantes das relações imediatas com a realidade. Um exemplo é o discurso sobre os votos. E aqui está implicado muito mais do que o simples *falar*; é questão também de *forma* e *conteúdo* (raciocínio) das diferentes *falas*.

Organização da vida

As casas de formação e as comunidades religiosas são programadas e organizadas numa disciplina rígida de dias e horários em que praticamente tudo o que se tem de fazer está estabelecido: “(temos que) pedir licença para tudo”. Há um ritmo agitado e mais veloz do que aquele dos indígenas (“tive de mudar meu ritmo, que as pessoas identificavam com lento”). A estrutura dos conventos e seminários parece bastante repressora e impõe limites muito severos à vida do indígena, pouco acostumado com o excesso sufocante de paredes, como bem escreveu com simplicidade uma formanda de Manaus (AM): “(na aldeia) a gente sente mais *soltos*, livres, com espontânea vontade, e aqui na Vida Religiosa a gente sente como se fosse só *obrigado*, empurrando na gente...”.

Convivência

A ênfase na manutenção da ordem (dos superiores) e a seriedade dos rostos estão longe da espontaneidade indígena. Na aldeia predominam a leveza e a informalidade nos contatos. As pessoas estão mais à vontade e são sempre muito alegres. Vive-se o coletivo intensamente, enquanto na VRC ele é mais teórico, permitindo na verdade o surgimento do individualismo, de amizades superficiais e de “grupinhos”. Uma Irmã com mais de 60 anos conta que estranhou muito o fato de as Irmãs serem separadas em categorias, e outra se sentiu podada ao ver que não se dançava nas comunidades religiosas. Ainda bem que isso começou a mudar

recentemente, diz ela, que agora está mais feliz: “Quando eu recomecei a dançar, tudo ficou 100%, vibrei com mais segurança”.

Valores e costumes

Muitas coisas consideradas boas na comunidade indígena de repente passam a ser condenadas ou não são muito incentivadas. Exemplos: (a) o apego ao lúdico, danças e festas, característicos dos indígenas, não é aprovado numa comunidade de formação, e a espontaneidade da festa e da alegria fica restrita a uns poucos momentos de “recreio”. Alguém disse: “Ganhei desprezo pela arte em geral”. O “normal” passa a ser o silêncio, a clausura e uma alegria comedida; (b) As distinções que existem na comunidade indígena entre os líderes (mais velhos, sábios e pajés) e os outros não impedem um convívio natural e amistoso, mas o mesmo não se pode dizer das relações nas quais as categorias “formador(a)” e “superior(a)” estão como que distantes e fechadas ao contato natural com os outros subordinados(as).

Também foi citado o fato de a nova vida ser excessivamente urbana, distante do mundo da natureza das aldeias. Por exemplo, para os indígenas “lugares sagrados” são rios, matas, casas ou a própria terra, ou seja, a natureza é sagrada; já na VRC “lugar sagrado” é a capela, uma casa fechada pelo homem. Isso explica a saudade do *chão* e do *mato*, citada por muitos.

Um resumo perfeito do contraste é este relato dos indígenas do Amazonas: “Iniciamos o período de formação com bastante entusiasmo, mas aos poucos sentimos as diferenças, e sofremos um abalo cultural; talvez seja por isso que alguns até tenham rejeitado a sua identidade indígena. Temos dificuldade com o português porque a nossa estrutura linguística é diferente; por causa disso, percebemos que alguns formadores acham que não temos capacidade de estudo e de raciocínio. O nosso ritmo de vida é diferente do ritmo dos nossos formadores e isso também os leva a formar opiniões negativas a nosso respeito”.

Que as duas formas de vida tenham diferenças nos parece óbvio, mas é importante notar que nesse encontro de diferenças o indígena se apresenta como a parte que deve se negar e assimilar o conteúdo da outra. Por mais que alguns tenham enfatizado ganhos ao entrar para a Vida Religiosa (mais coerência no pensamento, estudos, organização etc.), os costumes e valores que tiveram de perder estão em maior número. Festas, o apego ao rural, alimentação e uma maneira própria de pensamento – tudo isso para ficar numa gaveta ou, não raramente, é jogado fora. Importa nesse momento muito mais mostrar-se apto ao ajustamento na comunidade religiosa do que acentuar as particularidades indígenas. É comum principalmente nas jovens estudantes a preocupação em mostrar que são *capazes* de acordo com as novas regras às quais estão submetidas. Em uma questão sobre “ganhos culturais” nas comunidades religiosas, alguém respondeu: “Ganhar, não ganhei, mas adaptei”.

Os desafios do indígena na Vida Religiosa Consagrada

Quais são os desafios do religioso indígena nessa situação? Sobreviver num ambiente estranho ao antigo padrão é o primeiro deles. Muitas congregações que atuam na Amazônia, por exemplo, mandam seus jovens para casas de formação em outras regiões. O estranhamento fica ainda maior. Neste contexto conservar-se “diferente” culturalmente e manter a autoestima é um sofrimento, pois chega-se a enfrentar críticas e preconceitos explícitos que machucam. A maioria dos formadores desconhece a cultura indígena e por isso mesmo não lhe dá valor. São muitos os exemplos de indígenas que abandonaram a VRC porque sentiam desconfianças, desprezo, discriminação ou “porque não conseguiram se acostumar com a vida e os costumes dos outros religiosos”.

Os indígenas que vieram de aldeias pensam que a dificuldade maior é continuar indígena, respeitando suas origens. Os indígenas que já eram desaldeados responderam que, além disso, a questão é resgatar suas raízes. Vemos então

712

que todos colocam como grande desafio a manutenção da identidade indígena numa situação completamente adversa. Também deram sugestões de como esse caso deve ser enfrentado: casas de formação intercongregacionais para indígenas, nas quais os formadores fossem especialmente preparados para essa tarefa, favorecendo assim o respeito às raízes indígenas dos formandos. Individualmente, a sugestão é que o formando não deve considerar-se diminuído ou que nada sabe; ele precisa provar que tem autodomínio, mesmo diante da descrença dos outros, desenvolver dons artísticos próprios do seu povo e evitar a mentalidade burguesa.

Está presente nesses relatos a consciência de que é preciso superar alguns preconceitos, por exemplo, aquele que diz que o indígena não serve para a VRC. Se ele questiona muito é visto como “problemático”. Que fazer? Aceitar as coisas como são ou abandonar a VRC? Mas isso seria “dar razão àqueles que pensam que não somos capazes de viver esta vida”. Novamente constatamos a insistência em “provar” que o indígena é capaz, tem autodomínio etc. Esse desafio é recorrente.

Nesse processo de adaptação à forma urbana e conventual, muitos chegam a se sentir desorientados. Alguns jovens foram internados desde meninos, depois veio o aspirantado, o postulante, o noviciado, estudos de filosofia e teologia, e todo o processo formativo. Um longo período de distanciamento da vida com os parentes e num estilo de organização bastante diferente do indígena. Um estudante de teologia descreve assim sua situação: “Os meus contatos e as minhas relações com as minhas origens (costumes, tradições) perdi e me sinto perdido. Por quê? Estruturas”. É claro que essa desorientação está relacionada com os padrões indígenas perdidos, pois o mesmo jovem destacou em outro ponto, como um ganho na Vida Religiosa, “comportamento e organização”, ou seja, no mundo dos seus novos(as) irmãos(ãs) ele parece estar bem situado. Aqueles que mais se ajustaram ao novo padrão sem considerar sua tradição cultural se perderam enquanto indígenas, mas os outros que reafirmaram a sua cultura no “contraste”, conservando a língua e outros costumes, por exemplo, têm isso como uma referência.

713

Os desaldeados ou os que se classificaram como “descendentes” não acentuaram muito o lado das perdas, até porque seus costumes já estavam muito próximos dos da sociedade brasileira. Destacam mesmo a Vida Religiosa Consagrada como o espaço da tomada de consciência da identidade indígena, da busca das origens etc. Uma contradição é que, ao mesmo tempo que se dizem indígenas, deixam escapar frases como “sou descendente” ou “não nasci na tribo”, por mais que o pai tenha nascido lá. Parece se tratar de resquícios da teoria racista disseminada no senso comum, segundo a qual “índio puro” é o que nasceu na tribo e não “mesclado”: com outras raças. mestiçagem seria a sua degeneração ou deformação. Hoje tanto a Antropologia como o movimento indígena têm outro entendimento da questão: mais que critérios biológicos ou geográficos, ser indígena depende da consciência de assumir-se como tal, de compartilhar uma determinada tradição cultural distinta da sociedade envolvente e de estar em ligação com os povos pré-colombianos. Nesse sentido, os “descendentes” não são menos indígenas que os outros. Mas eles não têm tanta certeza disso.

Aqui é preciso admitir muito do preconceito e da fantasia que habitam as entranhas da nossa mente. Índio é selvagem e atrasado. De várias formas esse ideia ainda sobrevive. Uma Irmã desaldeada escreveu que tinha medo dos indígenas até se esclarecer sobre quem eram eles, já na Vida Religiosa Consagrada. Há pouco tempo ela foi visitar uma aldeia e se deu conta da realidade. Não teve dúvidas: “Esse é o meu povo”. Várias “desaldeadas” que fizeram a experiência da “volta”, convivendo durante algum tempo numa aldeia indígena, passaram a assumir com muito mais vigor e entusiasmo sua identidade indígena. Do mesmo modo é de se supor que existam muitos religiosos indígenas que, informados por antigos preconceitos, continuam negando sua origem. A outra face do problema é a falsificação romântica dos indígenas, quando passam de selvagens e maus para bons guardiões da floresta, gente pura, incapaz de maltratar o semelhante. É verdade que diante da sociedade brasileira desigual, consumista e violenta, os povos indígenas estão

em situação vantajosa, mas superestimar essa vantagem é ruim, pois cria expectativas exageradas. Os indígenas também são humanos. O próprio contato com os religiosos indígenas pode ajudar a esclarecer essa questão.

Conclusão

É possível concluir que uma mudança considerável foi operada na consciência de muitos religiosos indígenas nos últimos tempos. Eles sabem que é preciso continuar indígena, apesar das adversidades da VRC. Vítimas de constantes discriminações, sua reação quase sempre era de raiva e silêncio; agora, porém, argumentam com os não indígenas, ressaltando seus valores e o direito de serem “diferentes”. Sabem que o pequeno número de religiosos indígenas se deve muito mais à estrutura e à ideologia da VRC do que a uma suposta incapacidade dos indígenas para esta forma de vida.

Diante do que foi visto é possível concluir que na prática as congregações ainda não aceitam os costumes e valores indígenas. O indígena que chega para ser religioso e/ou padre tem somente de aprender, nada para ensinar ou contribuir com a Igreja. Estamos falando de indígenas, mas isso também vale para os negros ou ciganos. O que está em jogo é a disposição da VRC de se abrir para um *contato* amistoso com culturas diferentes da ocidental dominante. Isso parece não estar acontecendo. Mas nem tudo está perdido. Só dois entrevistados responderam que a congregação não aceita seus valores. A maioria disse que existe abertura e aceitação, pelo menos teoricamente. Já é uma disposição para o diálogo. O que falta é tornar realidade essa “boa vontade”, que, aliás, é respaldada em vários documentos recentes da Igreja,

Mensagem final do III Seminário Latino-Americano e Caribenho de Religiosos Irmãos

CLAR – “Escutemos a Deus onde a vida clama”

Tal e como nos convida o Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*:

A nova Jerusalém, a cidade santa (cf. Ap 21,2-4), é a meta para onde peregrina toda a humanidade. É interessante que a revelação nos diga que a plenitude da humanidade e da história se realiza numa cidade. Precisamos identificar a cidade a partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra que Deus habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. A presença de Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para a sua vida. Ele vive entre os cidadãos promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo do bem, da verdade, da justiça. Essa presença não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada. Deus não se esconde de quantos o buscam com coração sincero, ainda que o façam Tateando, de maneira imprecisa e incerta.

É precisamente esse espírito, e o que, como horizonte inspirador da CLAR, se propõe com o ícone de Betânia, que dinamizou a reflexão desse encontro; chegando assim a entender que devemos humanizar a Vida Religiosa para que ela possa ser reflexo do que o Papa expõe em suas linhas: amor ao próximo, profissão de uma fé, diaconia e perfume inestimável.

Vivemos num Continente privilegiado em recursos culturais e naturais, a economia mostra estabilidade e nossos idiomas favorecem a comunicação e a integração dos povos. Entretanto, alguns desafios ameaçam nossa casa na América Latina e no Caribe. Apesar de ser essencialmente cristão, nosso Continente é o lugar do planeta com maior

desigualdade, como também o mais agressivo contra a vida humana e contra outras formas de vida. O tráfico de drogas, de armas, de pessoas; o racismo, a discriminação, a guerrilha, os sequestros, a corrupção, a agressividade do exército e da polícia, a pobreza, o analfabetismo – entre outros atos de violência –, obstaculizam a paz e ameaçam a vida.

Nessa realidade desafiante, dura e complexa, a VR inflamada e dirigida por Jesus não pode manifestar-se frágil, agonizante e morta, já que é ela que deve levar a luz, a alegria e a esperança ao mundo. Santa Laura Montoya, primeira santa da Colômbia, nos ensina que “é preciso olhar os acontecimentos através dos olhos de Deus”.

A missão da VR não é trazer Deus ao mundo, porque ele sempre está trabalhando em todas as situações e em todas as pessoas. Nossa missão, como homens e mulheres consagrados, é colaborar com o Pai, como fez Jesus – o Filho –, na construção do Reino, amando e fazendo o bem.

É ser no mundo a bondade e a ternura de Deus, como disse o Papa Francisco. É mostrar para as pessoas, especialmente aos excluídos e aos não desejados, que Deus os ama incondicionalmente e lhes oferece a vida plena. É estar em constante processo de humanização. A humanização passa necessariamente por Cristo – ser humano por excelência –, que uniu o espiritual e o humano em sua totalidade. Nos humanizamos em Cristo para humanizar o mundo, fazendo de nosso coração, a comunidade, o Instituto e o planeta, a Casa de Betânia: lugar de acolhida, de serviço mútuo, de diálogo e escuta, oásis de fraternidade, de alegria e de esperança; cenário de amor e vida. Isso significa abrir o frasco do perfume e oferecer ao mundo o melhor que existe em nós e na VR.

Como Irmãos da América Latina e do Caribe, queremos abrir-nos ao encontro do verdadeiramente humano, já que é ali onde Deus está, defendendo a dignidade de cada pessoa, pois cada vida humana é sagrada e todos somos filhos de um mesmo pai, amados por ele.

Queremos ser perfume que se derrama em nossas comunidades e trabalhos apostólicos, por meio de uma vida que se doa, ama e se renova; fazer de nossas comunidades oásis de paz, com cheiro de “ovelhas”, acolhedoras e abertas a cada ser humano que necessita de uma palavra de conforto e de esperança.

Finalmente, queremos seguir aprofundando nossa vocação específica para a fraternidade, impulsionando-a de maneira profética nas comunidades com Irmãos sacerdotes. Viver nosso ser de Irmãos principalmente na comunidade, para poder irradiar a beleza e a alegria do Evangelho a toda a humanidade.

Nós nos encomendamos para esse fim ao amparo de nossa mãe Maria, sob o título de Guadalupe, patrona da América Latina.

Rionegro, Antioquia – Colômbia,
14 a 16 de agosto de 2014.

Congregação das Servas da Santíssima Trindade celebra o centenário da Fundadora

08/01/1915 – 08/01/2015

Com sentimentos de gratidão e louvores à Santíssima Trindade, estamos celebrando os 100 anos do nascimento de Maria Celeste Ferreira, dom de Deus para o mundo e especialmente para nós, Servas da Santíssima Trindade e Leigos Trinitários.

Queremos fazer memória de sua ternura e ousadia em deixar o Espírito do Pai e do Filho escrever em sua carne a *carta que proclama a supremacia do Amor Trinitário para a humanidade*. Nesta memória revivemos e anunciamos a herança que ela nos legou. Celebrar sua vida é celebrar Deus que nos chama a formar a ciranda da inclusão onde todos e todas são irmanados/as no mesmo amor da Trindade!

Maria Celeste Ferreira nasceu na cidade de São Paulo, no dia 8 de janeiro de 1915. Filha de Luiz Leme Ferreira e Zulmira da Silva Ferreira. Foi batizada no dia 11 de março do mesmo ano. Sua fé inabalável vem do berço, lugar dos primeiros passos para o conhecimento e experiência de Deus. É a sétima filha de dez irmãos, sete mulheres e três homens.

Aos 15 anos declara-se seduzida pela Santíssima Trindade e decidida a abraçar a Vida Religiosa Consagrada. Ela mesma revela: “A SSma. Trindade foi o grande amor que dominou toda a minha vida”. Após uma longa caminhada de buscas e discernimento, já com 27 anos, teve a confirmação de que era chamada a fundar uma Congregação dedicada totalmente à glória da Amada Trindade e ao resgate da vida e dignidade humana.

Este chamado tão específico concretizou-se no dia 15 de junho de 1946, na cidade do Rio de Janeiro, bairro de Santa Teresa, rua que conduz ao Cristo Redentor, no Corcovado. Portanto, nascemos aos pés do Cristo Redentor.

D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, acolheu a nova Congregação e a acompanhou com sua paterna presença e seu amor sempre dedicado à Vida Religiosa Consagrada.

Nasce a Congregação das Servas da Santíssima Trindade! O que traz de novidade a nova congregação? Qual sua resposta carismático-profética?

Situação histórica da época da Fundação: final da Segunda Guerra Mundial; revolução industrial e tecnológica, materialismo dominante, sociedade de consumo; ateísmo ou indiferença religiosa, “Deus morto”; acelerado crescimento dos meios de comunicação; massificação do ser humano, segregação racial, ódio, discriminação; sede de poder: ditaduras, fascismos, *revoluções*; crescimento da violência, roubos, assaltos, sequestros, linchamentos, homicídios... Surgimento das multinacionais concentrando as riquezas nas mãos de poucos, provocando empobrecimento, miséria; gerando migrações para os grandes centros urbanos, desemprego. Pessoas sempre mais individualistas e desrespeito à dignidade humana e à vida.

Neste contexto histórico, social, político e cultural é que a Trindade inspira a jovem Maria Celeste a fundar nossa Congregação, no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, tendo como Carisma e Missão: *adorar e glorificar Deus Pai, Filho e Espírito Santo presente no ser humano e na história, como Deus Libertador e Redentor, parceiro dos pobres e resgatador da dignidade humana. O Carisma e missão nos chamam a viver relações humanizantes: inclusão e resgate, formação de comunidades versus individualismo.*

Nossa Espiritualidade e Missão têm como fonte inspiradora a Palavra de Jesus: “Se alguém me ama, guardará minha palavra, meu pai o amará e nós viremos a Ele e nele faremos nossa morada” (Jo 14,23).

Conviver com Deus Pai, Filho e Espírito Santo, presente na interioridade do coração, buscando amá-lo, adorá-lo, servi-lo e contemplá-lo, é o segredo de nossa Espiritualidade de Trinitária.

Anunciar, por gestos, palavras, serviço e presença inserida junto ao povo, a convicção de que toda pessoa humana é filha amada do Pai, redimida em Jesus Cristo e santificada pelo Espírito Santo para formar comunidade, resgatar a dignidade humana, pois cada pessoa é um templo vivo da Trindade, é nossa Missão na Igreja e no mundo.

Como Jesus Servo, o que move as Servas é a paixão pelo Pai e pelo Reino, na itinerância missionária entre os pequenos e pobres.

Formamos a Família Trinitária: Irmãs e Leigos/as. Abraçamos no “Hoje de Deus” o sonho de Ir. Maria Celeste Ferreira e com ela repetimos cada manhã: “Trindade Santíssima, *que o vosso Amor consuma todo o nosso ser, para que em nós só haja Vós, e que cada momento de nossa existência seja para vós uma oferta de Vosso próprio amor!*”.

Guardamos em nosso coração o testemunho de nossa Fundadora como mulher apaixonada pela Trindade, mulher contemplativa, corajosa, inteligente e sempre atualizada, olhar voltado para o futuro, destemida, despojada, simples, acolhedora, cuidadosa. Acompanhava os acontecimentos mundiais, trazia para todas as Irmãs os documentos da Igreja, das Conferências Latino-Americanas. Participou ativamente na Fundação da CRB Nacional e, quando fundada a União Internacional das Superiores Gerais (UISG), sempre participou das Assembleias, e chegou a ser escolhida como Conselheira. Foi membro desde o início da USGCB, assessorou e secretariou algumas reuniões.

Louvamos a agradecemos à Trindade Amada por termos uma Intercessora e mãe cuidadosa no céu, mulher vocacionada para AMAR, consumida pelo AMOR e movida pela GLÓRIA da Trindade e ANÚNCIO da Inabituação Trinitária, maior dignidade humana – ser morada da Trindade.

Em 5 de setembro de 2004, Ir. Maria Celeste foi transferida para a casa do Pai. Passou os últimos anos de vida em São Paulo, sua cidade natal, onde seu corpo repousa em paz. Acreditamos que junto à Trindade ela cuida e intercede por todos nós.

Com ela rezamos sempre: Trindade Amor, iluminai nossa inteligência, fortificai nossa vontade. Inflamai nosso coração, para que possamos anunciar a todos/as o vosso amor e dignidade!

Convidamos toda a Vida Religiosa Consagrada do Brasil, em especial as Congregações Brasileiras, a louvar conosco a SSma. Trindade pelo Centenário de nascimento de Ir. Maria Celeste Ferreira, nossa querida Fundadora, e implorar a sua intercessão para que suas filhas Servas e Leigos/as Trinitários/as sejamos fiéis ao Carisma Fundante, atualizando-o sempre através da leitura teológica dos “sinais dos tempos”, prática constante de Maria Celeste.

IR. GELZA MARIA F. RIBEIRO E IR. HELENA T. RECH*

* **Endereço da Casa Geral:** Rua Barão do Bom Retiro, 559, Bairro Engenho Novo, CEP 20715-002, Rio de Janeiro/RJ.
E-mail: coordenacaogeralservas@gmail.com.

Ano da VRC A alegria da e na consagração: olhando para Maria

FR. MOACIR CASAGRANDE, OFM^{cap}*

O Papa Francisco estabeleceu que 2015 será “O Ano da Vida Consagrada”. Ano que tem abertura no primeiro domingo do Advento de 2014 (30/11) e encerramento no dia mundial da Vida Consagrada¹ de 2016 (02/02). Segundo o Papa há uma motivação histórica: celebrar os 50 anos da promulgação do Decreto conciliar sobre a atualização da Vida Religiosa “*perfetae caritatis*”, publicado precisamente no dia 28 de outubro de 1965. Mas o título da carta circular: “alegrai-vos”, convocando religiosos e religiosas para esta celebração, não deixa dúvidas de que a celebração também quer impulsionar a Vida Religiosa Consagrada para o futuro. É a alegria que impele para o futuro. Este é o encorajamento de “*Vita Consecrata*” quando nos diz: “Vós não tendes apenas uma gloriosa história para narrar, mas uma grande história a construir. Olhai o futuro para o qual vos projeta o Espírito a fim de realizar convosco ainda grandes coisas” (VC 110).

Acompanhando o Ano da Vida Religiosa, a Revista *Convergência* publicará, em cada número, um artigo referente à Vida Religiosa Consagrada. Este artigo, partindo do título da carta dedicada aos religiosos e religiosas, caminha pelos fundamentos bíblicos da consagração e privilegia o anúncio do anjo Gabriel a Maria: “Alegra-te, ó cheia de graça” (Lc 1,28).

A consagração da vida

A consagração existe como testemunho da missão do Consagrado por excelência que é Jesus. Ele não hesitou em

* **E-mail do autor:** frmoacasa@gmail.com.

1. Só o Brasil celebra o dia da Vida Consagrada no terceiro domingo de agosto. Curiosamente será um ano de 14 meses (2 x 7), duas vezes a perfeição: da terra e do céu.

724

dar a vida pela salvação de muitos (Mt 26,28). Veio para que todos tenham VIDA e a tenham em ABUNDÂNCIA (Jo 10,10). A consagração não tem fim em si mesma, embora haja quem pense assim, pois ninguém se consagra para si mesmo. Em princípio ninguém está a serviço da consagração, mas a consagração é um jeito de se colocar a serviço da missão. Talvez seja este o desafio de nosso tempo: colocar a Vida Consagrada inteiramente à disposição da missão de Jesus. A fonte inspiradora e reveladora dessa realidade é a

725

acaso, nem para criar caso. Ele nasceu da vontade de Deus e está convidado a se inserir e se manter nessa vontade. Se alguma dúvida ainda persistia no coração de Jeremias, agora é removida: “Estendendo a mão, o Senhor tocou a minha boca e disse: Eis, eu ponho minhas palavras na tua boca. Vê, hoje eu te confiro autoridade sobre as nações e sobre os reinos para arrancar e derrubar, para arruinar e demolir, para construir e plantar” (Jr 1,9-10). Novamente, a consagração é para a missão e acontece antes da decisão de Jeremias, mas precisa da consciência e do consentimento dele. Estas e outras narrativas não deixam dúvidas de que na tradição profética a consagração é, essencialmente, para a missão. Nesta tradição o acento da consagração está na autoentrega para a missão de Deus.

No Segundo Testamento

Jesus, o consagrado por excelência, nos faz ver uma compreensão de consagração muito diferente. Ele vem do seio do Pai (Jo 1,18) buscar e salvar o que estava perdido (Lc 19,10). Não vem para ser servido, mas para servir (Mc 10,45 e Mt 20,28). Não oferece sangue de animais, mas a si mesmo em favor do perdão de nossos (todos) pecados (Hb 9,12-14 e Mt 26,28). Liga o verdadeiro culto a Deus ao perdão e à caridade para com os irmãos (Mt 5,21-24). Assim entende e define a própria missão: “O Espírito do Senhor está sobre mim porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres. Enviou-me para anunciar aos cativos a libertação e aos cegos, a recuperação da vista, para libertar os oprimidos e proclamar um ano da graça do Senhor” (Lc 4,18-19). Não vem para julgar, vingar ou condenar, mas para salvar o mundo (Jo 12,47). Não se separa de ninguém, mas vai em busca dos separados e sofre as consequências da solidariedade com os deserdados da vida (Mc 15,16-20 e Jo 11,45-48).

O sacrifício na consagração

Também neste aspecto temos ainda muito a trabalhar. No rito antigo, sacrificar era um meio obrigatório de tornar

sagrado, mas os sacerdotes e outros oficiantes sacrificavam animais e objetos fazendo prevalecer a vontade deles sobre os outros, pensando assim estar fazendo a vontade de Deus.

A tradição antiga entendeu o sacrifício sempre como algo sofrido, doloroso, ruim, que deve ser eliminado ou do que a gente sempre deve fugir, e isto prevaleceu no universo interpretativo da humanidade. De fato este lado existe, mas há outro lado do sacrifício, muito mais interessante, necessário a todo investimento de transformação. Quando a gente se despoja ou se priva por obrigação, o sofrimento é dobrado, o fardo se torna bastante pesado. Mas, quando a gente se despoja ou se priva por amor, o sofrimento é leve, realizador e se torna doação. O sacrifício do Primeiro Testamento era visto e entendido como uma obrigação imposta. O sacrifício a partir do Filho de Deus, Jesus Cristo, é uma oferta de libertação. A consagração é um sacrifício sim, mas um sacrifício movido pelo amor oblativo, misericordioso, obrigação assumida. É um despojamento, uma oferta de si mesmo, livre e libertadora. A primeira pessoa agraciada pelo sacrifício é a que se oferece; uma vez libertada, torna-se graça para muitas outras. “A minha vida ninguém me tira, eu a dou livremente”, diz Jesus (cf. Jo 10,18).

Jesus nos mostrou que a vontade de Deus já está evidente na profecia de Oseias: “É o amor que me agrada e não o sacrifício, o conhecimento de Deus e não os holocaustos” (Os 6,6). Por isso ele retoma, com insistência, na pregação do Evangelho (Mt 9,12-13; 12,7) e testemunha ao dar a si mesmo por amor (Jo 10,10 e 15,13).

O novo culto, fundamento da consagração

Outro desafio ao longo da história foi a insistência em relacionar a consagração ao culto ritual como se o culto fosse o único caminho da santidade. Na verdade pelo Batismo somos investidos de três múnus: o régio, o sacerdotal e o profético, os três necessários à vida e à missão da Igreja, todos voltados à santidade. A maior expressão de santidade, porém, não é o culto em si, mas o exercício da justiça (Am

5,21-24) e da caridade. Esta é a garantia da salvação (Mt 25,31-46). O antigo culto descrito na tradição sacerdotal é recheado de rituais para dar uma ideia do que é a realidade querida por Deus. O novo culto é simples, exercido nas atitudes de misericórdia em favor dos mais necessitados e do bem comum, para a salvação de toda a criação. Em Hebreus temos a realidade de Deus historicamente estabelecida na pessoa de Jesus Cristo. O verdadeiro culto se caracteriza pela oferta de si mesmo. Parece que ainda não conseguimos assimilar.

O culto aqui não é um ritual reservado, mas uma vida constantemente doada. “Não quisestes sacrifício e oblação, mas plasmaste-me um corpo.² Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não te agradam. Então eu disse: Eis me aqui. Eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade” (Hb 10,5-7). Com isto ele suprime o primeiro (antigo) culto que era da separação entre sagrado e profano, estabelecendo o segundo (o novo) culto que é da inclusão, da integração, onde é o sagrado que vai ao encontro do profano e o resgata pela aproximação e doação. É pela vontade do Pai, realizada no CORPO HUMANO do Filho, entregue e doado por nós, que somos santificados uma vez por todas. Como Jesus, é isto que consagramos, o nosso corpo, síntese de tudo o que somos e temos. É no corpo que ele nos formou que damos glória e prestamos nosso culto a Deus. Pelo nosso modo de ser, pelo jeito de fazer e pela prática do viver, louvamos ou blasfemamos o Criador. O corpo não nos foi dado para fazer a nossa vontade; podemos fazer também a nossa, mas a perfeita realização e felicidade estão em fazer a vontade de Deus. A vontade de Deus, porém, nunca está contra a nossa verdadeira realização. A nossa vontade, sim, pode ser contra nossa realização; a dele nunca será.

O que o autor de Hebreus fala de Jesus, o apóstolo Paulo aplica a cada um de nós. “Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo que está em vós e que vem de Deus, e que vós não vos pertenceis? Alguém pagou o preço do vosso resgate. Glorificai, portanto, a Deus em vosso corpo” (1Cor 6,19-20). “O corpo é para o Senhor e o

2. Corpo aqui não é só a parte material da pessoa, mas se trata da pessoa inteira agindo em seu corpo e por meio dele. É com ele e por meio dele que nos relacionamos com Deus, com as pessoas e com todo o mundo. É nesse corpo que somos membros de Cristo, que constituímos a comunidade, a fraternidade e a Igreja. Em nossa fé o corpo é uma realidade histórica e eterna, pois cremos na ressurreição da carne.

Senhor é para o corpo” (1Cor 6,13). Paulo deixa claro que, na verdade, nós não nos possuímos, somos propriedade de Deus. Nossa alegria, portanto, é corresponder-lhe. É bem aí, nesse ponto, que cabe a exortação da Carta aos Romanos: “Eu vos exorto irmãos, em nome da misericórdia de Deus, a vos oferecerdes vós mesmos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este será o vosso culto espiritual. Não vos conformeis ao mundo presente, mas sede transformados pela renovação de vossa mentalidade, para discernirdes qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável e o que é perfeito” (Rm 12,1-2). Conforme esta carta, a prioridade de nosso culto é a auto-oferta; esta, porém, é profundamente ativa, pois está em constante transformação. A transformação significa a melhoria de cada dia, ela é prova da autenticidade e da qualidade de nossa doação. Guiados pelo espírito procuramos nos conformar não com as leis do mundo presente, mas com a luz do espírito que nos atualiza e lança para o mundo futuro (dimensão escatológica).³ A mentalidade precisa progredir no espírito para corresponder à bondade e à perfeição. Não se muda a atitude sem mudar a mentalidade.

Alegrai-vos!

Conclama a carta aos consagrados e consagradas. A alegria é uma virtude diferencial na vida cristã e não pode se limitar ao que já foi feito; ela precisa ir além, precisa durar, fortalecer para o que vem e para o que ainda se pode fazer. A alegria é inerente ao anúncio do Evangelho. Não há Evangelho sem alegria. A alegria do Evangelho é forte e permanente, capaz de dar sentido profundo e duradouro à vida e a tudo o que ainda se pode fazer com ela. A alegria sem Evangelho é insignificante e fugaz, pior que material descartável. Diante de todos os acontecimentos do dia a dia, podemos tomar basicamente três atitudes: nos alegrar, lamentar ou ficar indiferentes. Mas é bom que não nos enganemos, pois pela atitude que tomamos somos tomados. A escolha é nossa e as consequências são correspondentes

3. A Vida Religiosa Consagrada tem no mundo a missão de antecipar o futuro, isto é, o que será na vida eterna, experimentamos agora e testemunhamos aos demais. Esta é a dimensão escatológica de nossa consagração.

e atingem a todos. Escolhendo a verdadeira alegria seremos tomados por ela e alimentaremos a energia da criação, da transformação, da plenitude. Escolhendo a lamentação seremos tomados por ela e mergulharemos na tristeza, no pessimismo, na depressão e na destruição. Escolhendo a indiferença ficaremos alheios, ilhados e desumanizados. Eis a importância de escolher a alegria do Evangelho.

Nas narrativas do Evangelho de Jesus Cristo, o termo “alegria e alegrar” ocorre 29 vezes, quatro⁴ das quais usado pelos soldados durante a flagelação de Jesus: “Alegra-te rei dos Judeus”, traduzido como “Salve!”. É evidente aqui, na boca dos soldados, o sentido desdenhoso da proclamação. É a prática de quem detesta a verdadeira alegria.

A alegria aparece outras sete vezes, ligada ao sofrimento, expressando a força para a superação dele: “Felizes sois vós quando os homens vos odeiam, vos rejeitam, vos insultam e proscvem vosso nome como infame por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos nesse dia e saltai de alegria, pois é grande a vossa recompensa no céu” (Lc 6,22-23 e Mt 5,12). Aqui Jesus nos desafia a encontrar a alegria na adversidade. Podemos ser alegres na tribulação, assim a tribulação não terá poder sobre nós. Quando, na despedida segundo João, os discípulos se entristecem, Jesus conforta: “Vos agora gemereis e vos lamentareis enquanto o mundo se alegrará: sereis contristados, mas a vossa tristeza se converterá em alegria” (Jo 16,20). “Quando a mulher está para dar à luz, ela sente tristeza porque chegou a sua hora, mas quando ela deu à luz a criança, não se lembra mais da aflição, pois enche-se de alegria por ter nascido um homem para o mundo” (Jo 16,21). “Vós agora estais tristes, mas eu vos verei de novo e vosso coração se alegrará e essa alegria ninguém vos arrebatará” (Jo 16,22).

Na base disso Paulo escreve aos Romanos: “As tribulações do tempo presente não tem proporção com a glória futura que deve ser revelada em nós” (Rm 8,18). A tristeza e as dificuldades inerentes ao caminho que precisamos fazer são superadas pela alegria verdadeira cultivada em nós. Se a tristeza derruba e destrói, a alegria levanta, cria e constrói.

4. Mt 26,49; 27,29;
Mc 15,18 e Jo 19,3.

A alegria do Evangelho conjuga com a alegria de Deus

Ela tem outro foco e outra meta que parece fora da nossa lógica e de nosso propósito. Isto pode ser verificado no capítulo décimo quinto de Lucas. O pastor que tem cem ovelhas e perde uma, deixa as noventa e nove, vai em busca da desgarrada e, quando a encontra, carrega-a nos ombros, convida amigos e vizinhos dizendo “Alegrai-vos comigo”. “Assim haverá mais alegria no céu por um só pecador que se converta do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão” (Lc 15,7). Os gastos com o resgate são maiores que o valor da ovelha. E se as noventa e nove ficarem com ciúmes e revoltadas? Difícil de aceitar para quem não conhece o amor misericordioso e a gratuidade.

Esta é a lógica de Deus, esta é a alegria do Evangelho. Este é o convite do Papa Francisco. Para que não fiquem dúvidas de que alegria ele está tratando, Jesus exorta ao discernimento da alegria: “Não vos alegréis porque os espíritos vos são submissos, mas alegrai-vos porque os vossos nomes estão inscritos nos céus” (Lc 10,20). Isso é desafiador e não se chega naturalmente. Alegrar-se pelo que se pode oferecer e não pelo que se pode colher parece loucura, mas é a essência do Evangelho. Ou os discípulos entendem e praticam isso ou vão de fracasso em fracasso pelos caminhos da história, vivendo miseravelmente a vida que Deus lhes concedeu. Mas a instrução não para por aí. Com o exemplo do Pai misericordioso e a convocação à alegria, feita por ele, Jesus sela seu ensinamento: diz o pai ao filho mais velho: “Era preciso festejar e se alegrar porque este teu irmão tinha morrido e está vivo; estava perdido e foi encontrado” (Lc 15,32). Festejar o resgate, o encontro e o perdão na alegria fecundante e transformadora é a dica, coisa que só as pessoas fecundadas pelo Espírito de Deus sabem fazer.

Já em Atos dos Apóstolos e nas Cartas prevalece a “alegria da evangelização” juntamente com a “alegria de sofrer por Cristo e pelo Evangelho”. “Os apóstolos deixaram o Sinédrio alegres por terem sido achados dignos de sofrer

ultrajes pelo Nome” (At 5,41). “Quando Barnabé viu lá (em Antioquia) a graça de Deus em ação, encheu-se de alegria e insistia com todos para que permanecessem do fundo do coração apegados ao Senhor” (At 11,23). Já no final de sua missão Paulo diz: “Mesmo que o meu sangue seja derramado em libação, no sacrifício e no serviço de vossa fé, eu me alegro com isso e me rejubilo com todos vós; assim, também vós, alegrai-vos e rejubilai-vos comigo (Fl 2,17-18). Gastar a vida na missão é realização. Dar até a última gota de sangue por Jesus e por sua causa é a felicidade. Que ninguém venha dizer: “Isso é coisa do passado”, porque a palavra de Deus e a ação de Jesus são eternas.

Em meio aos desafios insiste a exortação: “Sede alegres na esperança, pacientes na aflição e perseverantes na oração” (Rm 12,12). “De resto irmãos, vivei alegres, trabalhai para o vosso aperfeiçoamento, encorajai-vos, tende muita misericórdia, vivei em paz” (2Cor 13,11). “No mais, irmãos, alegrai-vos no Senhor” (Fl 3,1). A alegria não vem pronta, ela precisa ser cultivada com o foco no Senhor, na causa do Reino de Deus, aí ela prevalecerá.

Por fim, em Apocalipse, somos convocados à alegria porque damos tudo de nós e isto nos habilita à contemplação e participação na festa definitiva. “Alegremo-nos, exultemos, demos glória a ele, porque chegaram às núpcias do Cordeiro. Sua esposa se preparou: foi lhe dado vestir o linho resplandecente e puro que são as obras dos santos” (Ap 19,7-8).

“Alegra-te, ó cheia de graça!” (Lc 1,28)

Com esta saudação o anjo Gabriel desperta em Maria a consciência do chamado. Ela não é apenas mais uma entre muitas. Ela é dom, graça, única de Deus. É assim que Deus a vê, que ele a tem. O anjo a surpreende convidando-a a acolher esta realidade. Para a família e vizinhos, para José, ela é uma menina-moça, para Deus ela é dom, não só para a família e vizinhos, mas, através deles, para toda a humanidade. O dom de Deus nunca é exclusivo, mas sempre inclusivo e universal. Maria é chamada a uma missão universal.

Resta saber se ela aceita fazer-se o dom que é e oferecer-se como graça de Deus em favor da causa de Deus para toda a humanidade e toda a criação.

Maria encontrou graça não para se orgulhar, exibir-se, fazer-se privilegiada entre as demais, mas para se doar e servir na gratuidade. Ela entendeu, acolheu e reagiu, saindo às pressas para as montanhas da Judeia ao encontro de Isabel. O sim de Maria não se empata para ela desfrutar de sua gravidez, mas se concretiza com uma imediata peregrinação e um demorado serviço à vida que deve ser gerada por uma gestante idosa, onde a alegria acabará de transbordar. Sim, Isabel gritou de alegria: “Bendita és tu entre todas as mulheres e Bendito é o fruto do teu ventre” (Lc 1,42). A criança no ventre, diz Isabel: “saltou de alegria em meu seio” (Lc 1,44). Então Maria exultante canta: “Minha alma exalta o Senhor e meu espírito se enche de alegria por Deus, meu Salvador” (Lc 1,46-47). Esta alegria é vivida no entendimento de que o tempo da promessa se cumpriu não só para ela, mas através dela para toda a humanidade. O cumprimento está apenas começando. A alegria está no convite e na aceitação para protagonizar a realização das promessas.

E o projeto de Maria com José?

O anúncio vocacional não é para quem não tem projeto, mas para quem quer ir além dos próprios projetos. Maria é prometida em casamento a José. Está tudo combinado, programado. Seus pais, santos pais, a deram por esposa a José como reza a santa tradição dos antepassados, como convém a gente de bem. E agora Maria? E agora José? Que confusão! Tem jeito de combinar o sim a Deus com o sim a José, respeitando o sim dos pais? Só o profeta das vocações, o mestre do espírito, pode iluminar isso. Por Gabriel, Deus não pede que Maria desfaça o projeto, mas que transcenda. A primeira palavra é dela, mas também José vai entrar na roda da novidade. Na pessoa de Maria, o projeto de Deus não é pessoal e não se realiza só com o sim dela, mas precisa do seu sim e por aí começa. O sim de Maria precisa

combinar com o sim de José, com o sim dos pais, e com outros que serão exigidos à medida que o projeto vai fazendo história. O sim de Maria é necessário para que Jesus possa dizer o seu sim. Se assim não fosse, como e onde Jesus iria se fazer gente? É bom intuir que o nosso sim não diz respeito só a nós, às nossas coisas e ao nosso tempo. O sim de Maria provoca e desencadeia uma rede de “sins”. Um não no meio desse percurso quebra a corrente.

Dizer um sim implica automaticamente dizer um não ao que é contrário, implica um afunilamento de opção e ao mesmo tempo aprofundamento. Abrindo mão da riqueza de alternativas se inicia o caminho para a riqueza que se encontra na profundidade, na raiz e na meta da escolha feita. A escolha, na verdade, é mais uma acolhida. É isto mesmo. O que compete a Maria não é fazer uma proposta, é dar uma resposta. A proposta é de Deus pelo anjo Gabriel. A Maria compete acolher ou rejeitar, dizer sim ou não, mas a resposta é dada com atitudes e implicam a própria vida. Ela procura entender o alcance da proposta para formular uma resposta e conclui acolhendo, confiando e entregando-se à proposta de Deus: “Eis aqui a serva do Senhor...” (Lc 1,38).

Como se fará isso?

Esta é a pergunta da pessoa aberta, que busca entender. A pessoa fechada logo duvida e se põe na defensiva (Lc 1,18.20). Maria só conhece os caminhos naturais, mas Gabriel tem novidades para ela. Atenta à palavra de Deus em Gabriel, ela entra numa dimensão mística e recebe a formação mistagógica que vai transformar a sua vida e também as nossas, pelos séculos dos séculos. Se o mestre não for soado no espírito, o que poderá oferecer aos vocacionados? Maria não é chamada a uma maternidade comum, natural apenas, mas a uma fecundidade e maternidade que se realiza por meio da fé de quem se entrega à causa da Salvação que Deus tem para o mundo. Entrega sem reservas, entrega total, isto é consagração.

Maria, ícone da Vida Religiosa Consagrada

Há quem diga que Maria é modelo de consagrados, e não Jesus. Para estes basta ver como ela se dá ao Filho e como acompanha o Filho em todos os seus caminhos intercedendo em favor dos necessitados (Jo 2,3). O consagrado e a consagrada, como Maria, estão sempre voltados para Jesus Cristo em função do Reino de Deus.

A partir de Maria e de Jesus acabou o tempo da separação. Estamos agora em um tempo novo. O tempo da graça, da comunhão, da solidariedade, da aproximação, da justiça e da profecia mais que do culto. Se antes cultuar era oferecer coisas no altar, agora cultuar é restabelecer e purificar as relações (Mt 5,23-24), de modo que sejamos de fato todos: irmãos e irmãs. O cultivo da fraternidade universal orientado pelo dom da Mãe ao Filho e dom do Filho ao Pai é o verdadeiro culto.

O consagrado e a consagrada não são guardados ou reservados, separados, mas doados em ato público. A consagração é um ato de despojamento, de entrega pública e universal, realizado livre e conscientemente diante da assembleia reunida, que testemunha e que se beneficia da entrega. Todo o processo formativo é na verdade um trabalho para que a pessoa possa se libertar de si mesma e doar-se, sem reservas, à causa de Deus em Cristo Jesus. “Se alguém quer vir em meu seguimento, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga” (Mt 16,24).

Embora ainda habite em nossa mente o conceito antigo de sacrifício, precisamos caminhar para o novo, para a meta vivida e oferecida pelo Filho de Deus e nosso irmão Jesus Cristo. Jesus mudou a obrigação pela opção, isto é, o sacrifício da dor pelo sacrifício do amor. É isso que prevalece na vocação de mãe. Ela se sacrifica, sofre, se desgasta em favor do filho para que ele tenha vida, saúde e paz. Uma doação sustentada pelo amor não mata, mas vivifica e fortalece, enquanto uma doação baseada na dor se torna insuportável. Portanto, só quem abre mão de si é capaz de amor doação. Quem não abre mão de si, só conhece a reciprocidade, não consegue decolar de seu próprio umbigo.

O Senhor não precisa de consagrados dotados, mas de consagrados doados. Se os dotados forem doados, que venham; mas se não forem, que fiquem no seu canto. O investimento que falta na formação para a Vida Consagrada não é o da capacitação para realizar obras grandiosas, mas da capacitação para a doação, um despojamento radical. Estamos capacitando pessoas para abrirem mão de si mesmas? A minha resposta é não. Creio que a falta deste investimento seja o grande furo que leva ao esvaziamento da consagração. Sabemos onde está a solução, mas temos medo de encarar e assumir. É melhor ficar reclamando ou acomodar-se justificando: “Os tempos são outros”, “Hoje é assim mesmo! Fazer o quê?”.

Quando fazemos o trabalho vocacional, divulgamos e propagamos o quê? A nossa obra, o nosso “reinho”, buscando continuadores dele, ou propagamos o Reino de Deus? Se atuamos em favor de nosso reino, não é de estranhar a falta de perseverança das iniciantes, a rotina entediada da meia-idade e a frustração das mais idosas. Reino por reino, cada um cuide do seu. Sabemos trabalhar as vocações na linha da profecia ou só fazemos marketing?

“Não vos alegreis porque os espíritos vos são submissos, mas alegrai-vos porque vossos nomes estão escritos no céu” (Lc 10,20). Não vos alegreis pelos frutos colhidos, mas alegrai-vos na constante disponibilidade de oferecê-los, até a entrega total de vós mesmos/as.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que espécie de consagrados queremos ser e ter?
2. Qual é a qualidade da alegria que nos habita?
3. No trabalho formativo, estamos capacitando as pessoas para abrirem mão de si mesmas?

Natal, o Mistério

Festa de grande alegria!

PE. MAURO NEGRO*

*... É festa de grande alegria, nasceu o Menino Jesus.
Ternura do céu que na terra brotou.
Trouxe paz, trouxe amor, trouxe luz.
Venham todos cantar! É Natal do Menino Jesus!*

Estas palavras são parte de um canto de Natal, canto já um pouco antigo, mas que muito aprecio. “Grande alegria” ou motivo para uma “grande festa”. E o Natal é certamente isto. E por quê? Porque veio o Menino Jesus que, como identifica o canto, é “ternura do céu que na terra brotou”.

Notem bem: Jesus, “ternura do céu...”, isto é, Mistério de Deus, do Eterno “... que na terra brotou”: o fato da Encarnação, da entrada de Deus na História. Os que vivem a VRC estão mergulhados nesta dimensão e a experimentam diretamente na pastoral, educação, assistência, orientação, caminhada de vida. Mas precisam sempre imergir nesta realidade fascinante e amorosa que vai além, muito além das convenções comerciais ou sociais.

1. Alegria completa

O que significa o Natal para a maioria das pessoas que nos acompanham? Qual sua importância e por que elas e nós o celebramos? Como o celebramos? Aliás, por que celebramos esta “festa de grande alegria” motivada pelo nascimento deste “Menino Jesus”? Tais perguntas parecem ser redundantes e desnecessárias, mas você se surpreenderia se as fizesse para seus amigos e parentes próximos! Eu fiz a experiência com algumas pessoas e isto me deixou inquieto.

* **Pe. Mauro Negro**, da Congregação dos Oblatos de São José (OSJ), é formador da Casa de Formação Padre Pedro Magnone e professor da PUC-SP.
Endereço do autor: Rua Marechal Pimentel, 24, Sacomã, CEP 04248-100, São Paulo-SP.
E-mail: mauronegro@uol.com.br.

No último Natal eu observei, como é um pouco meu hábito, o comportamento das pessoas, especialmente aquele comportamento inconsciente, sem muita programação, mas que revela o que há dentro do indivíduo, seus valores e modos de pensar e ser. Constatei muito barulho, agitação e gastos, muitos gastos. A regra fundamental parecia ser a do exagero: é preciso comprar muito, todos precisam ganhar presentes, precisam “sentir nossa presença com o presente” (desculpem o trocadilho!) para ser felizes. E muitos precisam dar um grande, um enorme presente para sentirem-se amados. Um presente para fazer com que alguém ame o presenteador. E quanto maior o presente, maior o amor dado em troca. Teoricamente!...

Um ruído quase ensurdecedor nas ruas, com buzinas, fogos de artifício (não os belos e coloridos, mas aqueles que apenas fazem barulho: bum! bum! E assim nos ensurdecem). Não entendo o que isto tudo pode querer dizer, senão que alguém está tendo um ataque convulsivo de desequilíbrio emocional. Muita bebida parece ser a regra para algumas pessoas, como aquelas que ficam na esquina abaixo de onde moro, a noite inteira, com ruídos absurdos e atitudes sensuais.

Na Primeira Carta de João lemos: “Ora, nossa comunhão é com o Pai e seu Filho, Jesus Cristo. Nós vos escrevemos estas coisas para nossa alegria ser completa!” (1,4). Alegria completa, que toma toda a extensão da pessoa que a sente. Alegria transbordante, como de uma taça de espumante que extravasa e chega a adocicar o ar ao seu redor.

Parece certo que o autor da Primeira Carta de João não pensasse em festas natalinas como nós as temos todos os anos, mas ele tinha muito claro sobre a experiência do conhecimento, intelectual e afetivo, da presença do Verbo Encarnado. E é isto que os fiéis cristãos podem e devem sentir nestes dias. Os que estão na VRC mais ainda, pois partilham, na intimidade de sua vida, da presença do Encarnado. É uma experiência mística, intensamente relacionada com o Mistério da Encarnação que, de modos diferentes e sempre renovados, se realiza em nossa vida.

Isto me leva a pensar que tipo de alegria toma conta de nosso espírito: uma alegria difusa, sem muito sentido de ser... Uma alegria exacerbada e exagerada, em que o limite não existe e sim a possibilidade de fazer tudo, dizer e viver tudo sem meios-termos... Uma alegria consciente, deslumbrante, arrebatadora, que não anula ou entorpece o juízo, mas abre horizontes para recomeçar, retomar os desafios e a vida. Uma alegria que dá à pessoa o pensamento de que tudo ainda vale a pena, de que é possível ser feliz, mas é preciso trabalhar, é preciso ainda acreditar, mesmo que exista o cansaço. Mas ele ficou para trás, foi superado, pois uma criança nasceu!

2. A alegria de um nascimento

Todo nascimento de uma criança deveria ser um sinal de esperança. Não é apenas uma criança que nasce, é uma possibilidade de futuro, de amor vivo e vibrante que se faz presente entre nós. É por isso que normalmente queremos bem um recém-nascido, o guardamos e protegemos: pois ele é frágil e ao mesmo tempo nos demonstra algum tipo de atenção que nos encanta, nos deslumbra. É comum: sorrirmos perante uma criança simpática nos braços de sua mãe; tentarmos uma comunicação afetiva com um bebê; nos alegrarmos com o sorriso de um recém-nascido.

O nascimento do Menino Jesus é um pouco disso tudo: a “ternura do céu que na terra brotou”, como nos diz o canto acima lembrado. Ao brotar, esta ternura se faz história conosco. Aqui está o núcleo do Natal: não é apenas um nascimento, o que já seria algo maravilhoso e emocionante. É, sobretudo, a entrada do Mistério de Deus na nossa história. Uma entrada inesperada, surpreendente, até difícil de entender.

Meu espaço aqui é pequeno, mas desejo apresentar, a nós que estamos na VRC, alguns argumentos para que nossa alegria, fruto da nossa esperança, possa ser completa neste Natal e em todos os outros que virão.

Na história de cada um de nós existem tristezas, frutos de nosso sofrimento. E quanto sofrimento existe no mundo! O

último século viu os maiores sofrimentos da história com os regimes autoritários impostos sobre a alma de povos e pessoas. O comunismo ateu em tantos países como na China, milenar cultura destruída pelo mito do proletariado que era o disfarce de uma burocracia personalista desumana; ou na Rússia, com suas ricas tradições espirituais negadas, perseguidas, oprimidas. O nazismo como estilo de impor valores de poucos sobre muitos, ordenando, esmagando, negando tudo o que havia de mais sagrado. O capitalismo selvagem que destrói tudo, desde as fontes de água até a camada de ozônio, passando pela vida e o futuro das pessoas. Regimes políticos e filosofias econômicas marcaram a humanidade como nunca. E atualmente os diferentes modos de crer em Deus: fé que destrói o diferente, intolerante com o outro, negado em nome de certa divindade que não sabe partilhar e comungar.

3. Celebrar o Natal em uma sociedade que sofre com o aborto legal

Quando Deus é negado, nega-se tudo, pois tudo é permitido. O aborto vai aos poucos se alastrando, sorrateiramente. A negação do ser humano ou o seu uso conforme as conveniências. Em um mesmo hospital pode existir, em salas contíguas, de um lado toda a tecnologia médica para manter a vida de um neonato prematuro. E ele sobreviverá, com muita probabilidade. E, de outro lado, quem sabe atrás de uma parede, sobre uma mesa cirúrgica, uma mulher, autoproclamada “dona de seu corpo”, deixa que uma criança não nascida seja assassinada: talvez mais bem formada, mais adiantada na gestação que aquela que irá sobreviver do outro lado...

Crianças que nascem aos montes em países onde a pobreza é endêmica, e que são eliminadas porque a pobreza espiritual é mais marcante ainda. O que está por detrás disso tudo? Quem mexe as cordas dos seres humanos, pobres títeres, que vivem em um mundo de tecnologia e progresso, mas que não sabem dividir a esperança da vida?

Um conhecido meu joga a culpa no Diabo. É provável, não posso deixar de considerar esta possibilidade. Talvez ele seja o companheiro mudo, mas operoso de todas as horas na história da humanidade. Contudo, sinto que isto é isentar de culpa o próprio ser humano.

É neste sentido que, parece-me, o Natal deve ser mais celebrado do que nunca. Ele é a superação programada, mantida em curso durante já quase dois mil anos. Ele é uma certeza: Deus está entre nós! E ele escolheu o modo mais frágil, mais dependente para se fazer presente. A forma de um recém-nascido. Ele poderia ter vindo como Super-Homem, como um herói desses do cinema, um tipo de “eliminador” ou “destruidor”, “exterminador” de algum futuro incerto... Uma espécie daqueles heróis japoneses que, com um apertado de botão, fazem tudo mudar: eles próprios mudam a roupa, aparecem com um capacete e estão em posse do poder contra as forças do mal... Quanta fantasia!

Ao invés disso, o Natal é a entrada do Deus frágil, dependente, indefeso, em forma de criança. Ele assumiu nossa natureza humana para nos fazer sentir mais perto dele, já que para nós seria impossível nos fazermos deus! E todas as vezes que queremos nos fazer de deus, nos enganamos e destruímos a nós mesmos, oprimimos e negamos o que existe de santo. Então é ele quem vem ao nosso encontro. Entra na nossa história.

4. Olhar o presépio para enxergar o Mistério

Quando vejo os presépios, recordo que meu pai fazia questão de ter um em casa. Ele valorizava mais a representação do Natal do que o sinal da árvore e outros tantos símbolos modernos, como o gordo, vermelho e comercialmente exagerado Papai Noel (perdoem-me, mas estou enjoado deste senhor!). Mas os mesmos presépios também me entediam, alguns até me assustam. Perdoem-me a sinceridade. Eles têm um grande valor e deveríamos estimular sua presença na casa dos cristãos. Mas o que me desanima é que, na maioria das vezes, eles refletem a realidade das pessoas,

quando o que eu desejo ver é o Mistério de Deus. E o presépio existe para isto: para demonstrar que o nascimento de Jesus é a encarnação de Deus na nossa vida. É compreensível que façamos presépios que mostrem nosso mundo e Jesus nascendo dentro dele. Isto é, de alguma forma, a expressão da Encarnação. Mas não é tudo! O que é fundamental é compreender que Deus entrou em nossa história e o Natal é para permitir que isto seja refeito, mais uma vez, em nosso mundo interior. Ano após ano, renovando nosso ânimo, nossa esperança.

Os valores que dividimos com os amigos, conhecidos e parentes devem ser postos debaixo da Luz que veio ao mundo. Cada vez que alguém deixa as trevas do pecado, dos limites egoístas da vida e das escolhas mesquinhas, acontece de alguma forma uma “nova encarnação”. Cada vez que aceitamos a contrariedade e nos dispomos a lutar para mudar o sofrimento nosso e dos outros, então é o Menino Jesus que nasce, que brota nesta terra vindo do céu.

O Emanuel vem para ser o que seu nome significa: Deus conosco! Ele está conosco porque a liberdade de algumas pessoas assim o permitiu. Sem o sim generoso e fiel de Maria e de José, como Deus poderia ser recordado no Natal? Sem Maria e José não pode existir Natal! A liberdade do simples casal de Nazaré mudou o curso da história. Uma decisão tomada com fé pode também mudar a vida de alguém que deseja o melhor, deseja o bem, sonha com a felicidade.

Humanamente falando, Deus não foi um pouco imprudente nascendo como homem? Esta situação tinha tudo para não dar certo: fragilidade, incapacidades físicas, limites culturais, humildade... Como crer que uma criança recém-nascida seja o Senhor da terra e do céu? Por isso os Evangelhos colorem o nascimento de Jesus com imagens e pessoas que enriquecem as cenas e lhes dão reforço, credibilidade perante a história. Os pastores em Lucas 2,8-12 lembram que são os pobres os mais abertos em aceitar a presença de Deus. Os magos vindos do Oriente, em Mateus 2,1, são a afirmação da sabedoria humana que busca Deus, mesmo que não acertem na primeira busca, indo nos

palácios dos príncipes do mundo (Mateus 1,2-8). Simeão e Ana, no Templo de Jerusalém, lembrados em Lucas 2,33-38. Os personagens elencados e tantos outros são as cores do grande quadro da Encarnação e estão nos textos para declarar que o Mistério de Deus é real, presente na vida de quem se abre ao Mistério.

5. Mistério

Aqui está um conceito interessante. Como todos os verbos e substantivos antigos, usados em várias circunstâncias e tempos diversos, a palavra “mistério” tem muitos significados. Aqui quero usá-la no sentido de “fato decisivo e surpreendente”. A Encarnação, celebrada no Natal, é a entrada de Deus na nossa história. É o Mistério que tocamos, que sentimos presente, que pode mudar nosso modo de sentir e viver.

A Primeira Carta de João declara, em um momento de magnífica poesia e expressividade:

O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalpamos no tocante ao Verbo da vida – porque a vida se manifestou e nós vimos e testemunhamos, anunciando-vos a vida eterna que estava com o Pai e nos foi manifestada –, o que vimos e ouvimos, nós também vos anunciamos a fim de que também vós vivais em comunhão conosco. Ora, nossa comunhão é com o Pai e seu Filho, Jesus Cristo. Nós vos escrevemos estas coisas para nossa alegria ser completa! (1 João 1,1-4).

A nossa alegria pode ser completa com a ação do Mistério de Deus. Este Mistério é Jesus Cristo, o frágil recém-nascido. Ele precisa ser aceito por você e por mim, viventes em um mundo distante da simplicidade, do silêncio, da contemplação. Vivendo a VRC, somos chamados a mergulhar neste Mistério e levar conosco os fiéis que nos cercam, que precisam também compreender a fragilidade de Deus na História.

Então nossa alegria poderá ser completa e a festa será, realmente, de grande alegria. Nasceu e sempre nasce o Menino Jesus. É a ternura do Pai, vinda do céu, brotada na terra, na inteligência e na vontade de quem se abre a este Mistério. Feliz Natal para você e os seus, na sua família natural e na sua família de Fé!

Sim de Maria, mulher conectada

IR. RITA ROMIO*

A celebração do Natal cristão foi introduzida pelo Papa Júlio I (337-352 d.C.) para substituir a festa ao deus Sol, “sol invicto” dos povos romanos. Comemorada durante o solstício de inverno, era também chamada de vitória da luz sobre a escuridão. O sol, deus invencível que sempre renasce, era símbolo da verdade e da justiça, luz poderosa que ilumina todos os povos. Neste contexto Jesus Cristo foi apresentado como o verdadeiro sol, portador da verdade e da justiça, que passou pela morte, mas dela ressurgiu, mostrando-se invencível.

Os elementos: sol, luz invencível, que sempre ressurge, verdade e justiça, nos reportam à conexão entre o processo da encarnação do Verbo e o papel da família de Nazaré. Aqui se pretende olhar especialmente para a Mãe de Jesus, mulher invencível como a profetiza Débora, que, ao assumir com coragem e fé o *fiat*, também *se levantou como mãe em Israel* (cf. Jz 5,7), *para servir o seu povo com coragem e discernimento*.

“Em hebraico sol costuma ser feminino”,¹ e o nome Miriam (Maria) aponta para o sentido de “Senhora da Luz”.² “Aqueles que te amam sejam como o sol quando se levanta na sua força” (Jz 5,31), proclama o Cântico de Débora, entoado após a vitória dos fracos: “Israel, aldeão, mais fraco que seu inimigo; Débora, mulher, mais fraca que Barac; Jael, beduína, arrisca a vida e proporciona a vitória final”. Na dinâmica do Deus de Israel, a prioridade é o fraco. E o fraco se torna vitorioso quando coloca toda a sua confiança no Sol invencível que sempre renasce, *Yahweh*, autor de toda a obra realizada: “O Senhor marcha à sua frente” (Jz 4,14).

* **Rita Romio** é das Irmãs Teresianas (Companhia de Santa Teresa de Jesus). Graduada em Teologia e Pedagogia e com mestrado em Teologia (PUC/RJ), é membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional. **Endereço da autora:** Travessa Albano 63, Bairro Camaquã, CEP: 91920-440, Porto Alegre, RS. **E-mail:** ritario-mio@hotmail.com.

1. Cf. Nota de rodapé: Sl 19,5, Bíblia do Peregrino, São Paulo: Paulus, 2012.

2. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Natividade_de_Nossa_Senhora.

Maria de Nazaré, nova Débora, “Senhora de Luz”, não se intimida diante do novo que surge em sua vida. Assume ser a Mãe do Redentor. Terá que ressignificar o seu projeto pessoal. Ela se levanta, crê, deixa-se conduzir, vai em frente: “Ele olhou para a humildade da sua serva” (Lc 2,48). Na fé acolhe a nova missão, arrisca a própria vida, rompe barreiras, abre-se à alteridade.

Conectada com o seu interior, na fé acolhe a nova missão

Na era digital muito se investe para se ficar ligado ou conectado. Conectar-se se refere a acessar, seguir, ligar, interligar, relacionar. Maria, ao assumir a missão que lhe é confiada, colabora para ligar, unir, o Primeiro ao Segundo Testamento. Como Débora, reconhece que o autor da obra é Deus: “O Poderoso me fez grandes coisas” (Lc 2,49).

Mas como a Senhora da Luz pode chegar aonde chegou? O que a movia? Tudo indica que, sem a sua profunda conexão com Deus, que aprendeu a cultivar em seu interior, tornar-se-ia impossível realizar tamanha obra. Vale considerar que Maria é herdeira da experiência de fé num Deus único, que caminha com o seu povo. Certamente, é no seu entorno, família-aldeia-sinagoga, onde vai aprender a se conectar com a Transcendência. Noiva de José, e prometida em casamento, é surpreendida com a saudação: “Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo. Bendito é o fruto do teu ventre!” (Lc 1,28). O novo acontecimento a faz ressignificar seu projeto pessoal. Agora, a conexão com o próprio Verbo em seu ventre torna-a mulher protótipo para tantas outras que a sucedem.

A mulher pobre, humilde e insignificante, *Miriam*, navega na experiência de Deus e não se intimida. Realiza aquilo que está ao seu alcance. É consequente deduzir que o Filho tenha aprendido da Mãe a conectar-se com o seu interior a fim de dialogar com o Pai e o Espírito, encontrar seu sentido existencial. Obviamente também tenha aprendido de Maria a conectar-se com a realidade e ser próximo das pessoas, incluindo os excluídos.

De Maria se aprende a acessar e se conectar com a Trindade e com o projeto do Reino. Talvez, como VRC (Vida Religiosa Consagrada), necessitemos intensificar a atitude de silenciar, ouvir e perceber os movimentos que ocorrem em nosso interior, como Maria, que *meditava* todos os acontecimentos “em seu coração” (cf. Lc 2,19). No encontro íntimo, captar e saciar a *eterna saudade de Deus*. Só assim o coração se dilata no amor serviço: “Sou serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38).

Parece-nos pertinente e oportuno o depoimento de Mary Lou Kownacki sobre as religiosas americanas da Conferência de Liderança das Religiosas (LCRW), ao dizer que elas “tem dado claro exemplo de contemplação, igualdade e justiça, nestes últimos anos” e que, por terem entregado a vida ao serviço da Igreja, não significa que “temos dado a nossa consciência” a não ser a Deus.

Reconhecemos a legitimidade da lei eclesial, mas acreditamos que, às vezes, entra em conflito com o Evangelho. E nossos corações, desde a nossa juventude, têm sido incendiados com a mensagem radical e a vida de Jesus de Nazaré. Agir de outro modo afetaria a nossa integridade.

Mary cita Santa Catarina de Siena, quando recordava aos fiéis: “Estamos fartos de exortações para permanecer em silêncio. Clamem com mil línguas. Eu vejo o mundo podre por causa do silêncio”.⁴

Conectada na sua condição de mulher, arrisca a própria vida, rompe barreiras ressignifica o seu projeto pessoal

Numa sociedade onde palavra de mulher não valia, ao assumir ser a *Theotókos*, Maria o faz consciente das consequências que teria que enfrentar: “Como será isso se não conheço varão?” (Lc 1,34). Se conexão supõe colaboração e rede, Maria faz a sua parte e deixa-se conduzir: “O Espírito Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua

4. Disponível em: <http://ncronline.org/blogs/where-i-stand/cry-out-sisters-cry-out>. Acesso em: 11 set. 2014, às 20h.

sombra” (Lc 1,35). Aceita ser mãe solteira podendo sofrer as consequências do preconceito social, ser rejeitada pelo noivo e até apedrejada pela sociedade. Ela rompe barreiras em relação à família, ao noivo, à religião e à sociedade. *Miriam* é muita ousada! Seguidora fiel da tradição judaica, noiva de José, prometida em casamento, assume uma gravidez, sabendo que o pai não era José! Ela acolhe a nova missão na fé e arrisca a própria vida. É cúmplice com a Trindade e com a história do seu povo explorado e marginalizado pelo contexto social, político, econômico e religioso.

O “Eis-me aqui, faça-se em mim a Tua vontade” é um imperativo de liberdade e autonomia. Uma atitude consciente, livre, que atinge todas as dimensões da sua pessoa. Assim como Maria, as mulheres se tornam leões na defesa da vida. O amor as capacita a romper todo tipo de barreiras para que a vida tenha a primazia.

A figura de Maria nos reporta ao assunto da desigualdade de gênero, infelizmente ainda tão atual,

que tanto tem empobrecido a humanidade no seu todo, quer material, quer espiritualmente – ou seja, por razões de ordem cultural, as mulheres têm tido um menor ou nenhum acesso, em comparação com os homens, à educação, à saúde, à alimentação, à herança em igualdade com os seus irmãos de sangue em algumas culturas, à formação profissional, ao emprego remunerado (ganham menos do que os homens por trabalho de valor igual), aos meios de comunicação social, à investigação científica, aos lugares de decisão política, econômica, militar e religiosa. (Morrem por ano, de causas evitáveis, cerca de 280 mil mulheres em todo o mundo, por estarem grávidas ou darem à luz.)⁵

O Papa Francisco, em algumas circunstâncias, quebrou protocolos, como na Quinta-feira Santa de 2014, quando lavou e beijou os pés de 12 internos – entre eles duas mulheres e dois muçulmanos – em uma prisão juvenil de Roma. Segundo ele,

5. Ana Vicente, in: <http://www.publisco.pt/sociedade/noticia/as-mulheres-pobres-do-papa-francisco-1617349>. Acesso em: 05 set. 2014, às 10h.

6. Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho”, n. 212.

duplamente pobres são as mulheres que padecem de situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menos possibilidades de defender os seus direitos.⁶

Para ele “a presença feminina na Igreja apenas se faz notar porque a tentação do machismo não deixou espaço para tornar visível o papel que corresponde à mulher na comunidade” e que é preciso “ampliar os espaços de uma presença feminina mais incisiva na Igreja”. Reconhece que é necessário que a mulher participe, nos vários âmbitos da Igreja, “nos lugares em que se tomam as decisões importantes”.⁷ Começou então a agir realizando nomeações inéditas na história da nossa Igreja, como, por exemplo: uma Irmã para integrar a Secretaria Curial da Vida Religiosa (CICLSAL); consultoras para a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; a superiora das Missionárias Combonianas, a brasileira Luzia Premoli, como membro da Congregação para a Evangelização dos Povos; a primeira mulher à frente de uma Pontifícia Universidade Romana, como Reitora do Antonianum, a franciscana Ir. Mary Melone; e como membro do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos, a Salesiana Irmã Maria Ko Ha Fong, FMA.

Apesar dos dois mil anos de ética cristã – “não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher, pois todos são um em Cristo Jesus” (Gl 3,28) –, infelizmente a discrepância ainda é grande entre os seres humanos, especialmente em relação à mulher na sociedade e, sobretudo, no contexto eclesial.⁸ E a discriminação é bem maior quando se fala em mulheres pobres e negras.

O Natal é um belo momento de tantas mulheres, mães ou religiosas, que também proclamam o *Magnificat* com seu testemunho de fé, esperança e defesa da vida.

A ideia aqui é fazer uma especial memória a mulheres da VRC que atualmente deixaram seu legado com testemunho existencial, algumas delas deram a própria vida. A maioria sem muita fama, mulheres simples no meio do povo, que marcaram presença profética, promovendo a vida em várias

7. Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/523920-procuremos-ser-uma-igreja-que-encontra-caminhos-novos-entrevista-com-o-papa-francisco>. Acesso em: 05 set. 2014, às 11h30min.

8. Prossimo Sinodo sulla famiglia: 253 partecipanti, di cui le donne (il 50% della famiglia) sono circa il 10%. Non è strano, papa Francesco? Fonte: <https://twitter.com/VitoMancuso>. Acesso em: 09 set. 2014; cf. Igreja Episcopal celebra 40 anos de mulheres no sacerdócio, in <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533838-igreja-episcopal-celebra-40-anos-de-mulheres-no-sacerdocio>. Acesso em: 04 ago. 2014, às 22h.

situações de risco e vulnerabilidade junto a pessoas sofridas. No cotidiano gestaram a presença de Deus na humanidade com seu ser e agir individual e comunitário. Um exemplo é a Campanha da Fraternidade de 2014, quando um grupo da VRC feminina assumiu, com muito empenho e conscientização, o combate ao tráfico humano. Por outro lado conhecemos religiosas que foram capazes de deixar determinados confortos e optaram por uma presença em situações de pobreza dentro do país e na missão *ad gentes*, no Haiti e outros países da América, África e Ásia.

Lembramos aqui comunidades presentes em situações de alto risco como as Missionárias do Verbo Encarnado, no conflito da faixa de Gaza;⁹ as Dominicanas de Santa Catarina de Siena, junto aos cristãos no Norte do Iraque, perseguidos por causas religiosas e tendo que viver em campos de refugiados.¹⁰

Entre religiosas missionárias que há poucos meses deram a própria vida, citam-se aqui a congoleza Chantal Pascaline, das Hospitaleiras de São João de Deus, vítima do Ebola, na Libéria,¹¹ e as três xaverianas assassinadas em Burundi: Bernadetta Bogianni, Lucia Pulici e Olga Raschietti, as quais viviam no quarteirão mais miserável da capital Bujumbura, lugar de violentos conflitos entre Hutu e Tutsi, onde promoviam a conciliação entre estas duas etnias.¹²

Obrigada, novas *Marias*, vocês foram *sororas* para tantas vidas indefesas, pobres e marginalizadas! Com pequenos e grandes gestos realizados, no dia a dia, entregaram o melhor de si na missão de apresentar Jesus Cristo, o verdadeiro Sol, portador da verdade e da justiça. É possível cantar: “Então é NATAL, a festa do AMOR”.

Conectada com os novos desafios: abre-se à alteridade – Novos ressignificados

O anúncio do anjo Gabriel *puxou duplamente o tapete* de Maria. No primeiro momento com o “conceberás e darás à luz um filho”; segunda sacudida, a inesperada notícia:

“Também tua parenta Isabel concebeu em sua velhice, e a que era considerada estéril já está de seis meses” (Lc 1,31.36).

O evangelista Lucas apresenta Maria como uma mulher centrada, madura. Ela ouve, se surpreende, questiona, quer saber o como, confia e assume “que sua palavra se cumpra em mim” (Lc 1,38). Sem rodeios, Maria age: “se levantou e se dirigiu apressadamente” (Lc 1,39). Na sequência da cena não há nenhum outro personagem: o anjo, Maria e imediatamente Isabel. Poderia aparecer alguma pessoa do entorno de Maria: quem sabe seus pais, já que era filha única; uma amiga, ou talvez o próprio noivo. Não. Ela *se levanta* e vai.

A palavra *levantar-se* ou *erguer-se* está relacionada com *resurgir*, voltar à vida: *anastasis* (grego), *resurrectio* (latim).¹³ “*Maria se levantou*”, *ressurgiu*, para encontrar-se com outra mulher, que também está na primeira gravidez. Lá irá se polarizar o encontro misterioso de Jesus e João e a proclamação desta alegria, no *Magnificat* (Lc 1,46-55). Maria, a Senhora da Luz, se levanta, como a profetiza Débora; o Natal é a festa do Sol Invencível que se levanta e sempre renasce.

Ela terá que criar rede com outras mulheres e comunidades para compreender e acompanhar o Filho. Não só na infância, quando Simeão lhe diz que “uma espada transpassará a tua alma”ⁱ(Lc 2,35), ou perante o que o adolescente lhe apronta ao sumir em Jerusalém: “Maria guardava tudo isso em seu íntimo” (L 2,51). Nas Bodas de Caná, apresenta o Filho e anuncia: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5).

A Senhora da Luz terá que conectar-se com a nova realidade da vida pública de Jesus, provavelmente sem muito compreender: Ele é rejeitado em sua própria terra; rompe leis que amarram: comer sem lavar as mãos; ir à casa de pecadores; deixar-se ungir por uma mulher pecadora. Os rejeitados são incluídos: pobres, doentes, cegos, mulheres, crianças; é amigo de publicanos e cobradores de impostos; seus critérios de pertença: “Minha mãe e meus irmãos são os que fazem a vontade do meu Pai” (Lc 8,21), somente citando algumas atitudes de Jesus.

9. Fonte: <http://crbnacional.org.br/site/index.php/noticias/destaque/1362-missionarios-do-verbo-encarnado-testemunho-cristao-em-gaza>. Acesso em: 04 ago. 2014, às 23h.

10. Facebook, Help for the Iraqi Dominican Sisters, 23 de agosto de 2014.

11. Fonte: Rádio Vaticano.

12. Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/535138-o-outro-martirio>. Acesso em: 10 set. 2014, às 17h.

13. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ressurrei%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 14 de setembro de 2014, às 21h.

Vai ainda passar pela dor, aos pés da cruz e na morte do Filho. Novamente Maria terá que ressignificar a vida. A primeira discípula de Jesus se torna a primeira testemunha da ressurreição. A *Theotókos*, que fez parceria com seu Deus e sua senha é o amor, reconhece que tudo é obra de Deus. Na ausência física do Mestre, torna-se a principal referência para a Igreja nascente.

Um recall para a Vida Religiosa Consagrada

De vez em quando a mídia anuncia que determinada indústria está realizando um *recall* para recolher algum lote de produção que tem apresentado alguma falha. *Recall*, do inglês, significa “chamar de volta” ou “chamamento”. Sem entrar em detalhes sobre o procedimento industrial, o termo *recall* parece pertinente ao momento atual da VRC feminina.

Maria empenhou a sua vida para oferecer-nos o que recebeu de mais precioso: o Emanuel, Deus Conosco. Fez o que o amor materno é capaz: acolheu, gerou, cuidou, acompanhou, esteve ao seu lado desde a concepção até a vida pública e, inclusive, aos pés da cruz e na ressurreição.

A vida da Senhora da Luz pode ser um *recall*, um chamamento à atual VRC, especialmente às religiosas, que carregam uma história discriminatória na sociedade e na Igreja, como já foi brevemente abordado.

A VRC feminina passa pela realidade de envelhecimento. Busca alternativas de sobrevivência e novo sentido atual. Sonha com jovens seguidoras para continuar o precioso legado carismático recebido. Empenha-se em encontrar caminhos para comunicar às novas gerações a pérola que lhe dá sentido existencial: a paixão por Jesus Cristo e seu Reino. Aprende a somar e dividir suas expectativas, esperanças e sonhos com mulheres de várias famílias carismáticas, avançando na interculturalidade.

A sensibilidade feminina, que lhe é própria, a faz sintonizar com outras pessoas que priorizam a defesa da vida, nos vários âmbitos, tanto eclesial como social. É ousada, está em

realidades carentes, onde outras instâncias eclesiais ou públicas têm dificuldade de se fazer presentes. Tem se esforçado para disponibilizar e enviar membros e/ou comunidades para missões *ad gentes*, em situações de risco à vida, dando o melhor de si a fim de promover pessoas menos favorecidas.

Sim, na VRC o NATAL é uma realidade à medida que ela se mantém conectada à Trindade e seu projeto, aos novos tempos, às novas situações, sendo capaz de se ressignificar, de continuar com sua profética presença de amor serviço, oferecendo-lhe o tesouro que carrega, de modo especial às novas gerações e aos pobres. Feliz Natal!

O diálogo inter-religioso no século XXI

ANDRÉ LUIS PIMENTEL MOUSINHO*

Introdução

A questão do diálogo inter-religioso apresenta-se como um dos grandes desafios para o século XXI. Sabe-se que para a construção da paz no mundo urge dar passos significativos rumo ao entendimento mútuo e à abertura dialogal. Este tema é vasto e bastante instigante. Assim este trabalho não tem a pretensão de esgotar as reflexões em torno dessa temática, mas sim mostrar que é possível fazer tal diálogo, ou melhor, fazer essa ponte com as diversas religiões, cada uma a sua maneira. O diálogo existe, porém sabe-se que não é fácil fazê-lo, mas também não é impossível.

O diálogo inter-religioso requer uma atitude de busca profunda, uma convicção de quem está caminhando em solo sagrado. Ele requer também certa cortesia espiritual, isto é, uma abertura de coração de ambos os lados. Requer igualmente uma espécie de conversão ao universo do outro. O diálogo insere uma comunicação mútua e um relacionamento amistoso entre fiéis de religiões diferentes.

Entre a extensa variedade de formas de diálogo, situa-se o diálogo inter-religioso com sua peculiaridade própria. Na definição cunhada pelo então Secretário para os Não Cristãos, no documento *Diálogo e Missão*, esse tipo de diálogo diz respeito ao “conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com outras pessoas e comunidades de outras confissões religiosas”. Hoje, faz-se necessário o diálogo com as demais religiões, pois o diálogo inter-religioso constitui assim uma dimensão integral da pessoa humana, ou melhor,

* **André Luis Pimentel Mousinho** é licenciado em Filosofia e pós-graduado em Ciências Sociais da Religião. É estudante de Teologia e atua como professor de Filosofia na rede pública.

faz parte da existência humana se relacionar com os outros. O diálogo significa partilha de vida, comunhão, experiência e conhecimento.

Em última análise, este ensaio parte do pressuposto de que todas as religiões necessitam dialogar para juntas construir um mundo mais humano, justo e solidário. Pretende-se então trabalhar os conceitos, ou seja, as ideias fundamentais em torno do diálogo inter-religioso, a saber: o que é diálogo, exigências fundamentais para o diálogo, diálogo inter-religioso e espiritualidade, formas de diálogo e por último diálogo e religião.

Portanto, o diálogo deve começar no interior de cada pessoa e no interior de cada religião para criação e florescimento de espaços de relacionamentos fraternos e amigáveis. No início do século XXI, as tradições religiosas defrontam-se com um desafio extremamente importante: abertura ao pluralismo religioso e o exercício dialogal em profundo respeito pela dignidade de cada pessoa. O diálogo não pode exigir nada do outro, a não ser disposição de ouvi-lo, compreendê-lo e respeitá-lo.

O que é diálogo?

Em pleno século XXI constata-se que há muitas palavras e conversas, mas pouco diálogo. O que é diálogo? A palavra diálogo é composta de dois termos: “dia” e “logos”. Logos é uma expressão com vários significados, indicando capacidade de pensamento e raciocínio do ser humano. O termo dia, por sua vez, explicita uma dupla ideia, ou seja, faz uma alusão ao que separa e divide. Pode-se dizer que o diálogo constitui uma dimensão inerente à vida humana.

O diálogo é, sobretudo, escuta recíproca de um para o outro. É uma relação de alteridade. Eu e o outro. Diálogo é diferente de monólogo. No diálogo há uma escuta atenta de ambas as partes dialogantes. A atitude de escuta atenta é própria de quem é fraterno e não tem o monopólio da verdade. Quando realmente se dialoga, ocorre o apreender e o compartilhar. No diálogo acontece a práxis da acolhida, do

recíproco questionamento, da confirmação e da afirmação. Nesse sentido, pode-se dizer que o diálogo é antropológico e religioso ao mesmo tempo. Os questionamentos de cunho antropológicos levam à questão teológica sobre Deus.

Existem diversas formas de diálogo. Dentre elas destaca-se o *diálogo inter-religioso*, tema de reflexão deste ensaio. Diante disso se pergunta: O que é o diálogo inter-religioso? O documento *Diálogo e Missão do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso* define o diálogo inter-religioso nestes termos: “Conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outros credos para um conhecimento mútuo e um enriquecimento recíproco” (DM. 1984 n. 3). Com esta afirmação a Igreja Católica diz que é possível haver diálogo inter-religioso tanto com pessoas e comunidades quanto com credos diferentes.

Essa abertura da Igreja veio, sobretudo, com o Concílio Vaticano II, que reconheceu a necessidade e a urgência de dialogar com o mundo moderno. No mesmo documento está explícito que: “O diálogo é, acima de tudo, o estilo de ação, uma atitude e um espírito que guiam o comportamento. Implica atenção, respeito e acolhimento para com o outro, a quem se reconhece espaço para sua identidade pessoal, para suas expressões, os seus valores” (DM, 1984, n. 29).

O Documento enfatiza também que, para acontecer o diálogo inter-religioso, é necessário que haja ação e atitude, além de três condições básicas, a saber: atenção, respeito e acolhimento. Não pode acontecer diálogo sem essas condições essenciais. Aquele que se propõe a dialogar deve ter em mente todas elas.

Dialogar é estar atento à novidade que o outro traz consigo. Sua história, sua religião, sua identidade etc. Essa atenção requer uma escuta recíproca e sincera. O respeito é outro ponto importante no processo dialogal. Sem ele jamais seria possível tal diálogo. O respeito requer uma admiração e certo cuidado por parte de todos que estão dispostos a fazer esta relação com o outro. O respeito supõe sempre uma relação de alteridade, isto é, de proximidade com o

diferente que o interpela. A acolhida é a base para fomentar o diálogo inter-religioso. Sem essa acolhida atenciosa e respeitosa é impossível criar um ambiente de paz e de diálogo verdadeiro.

Dentre as diversas discussões em torno do diálogo se coloca esta: Qual é a verdadeira busca do diálogo inter-religioso? O que está por trás das religiões, quando elas decidem dialogar? Elias Wolff, nas entrelinhas das reflexões e discussões, pondera:

No diálogo inter-religioso não se busca a unidade doutrinal ou institucional (metas do ecumenismo), mas a cooperação entre as tradições religiosas na realização de projetos que visam ao bem comum, sobretudo para um mundo de justiça e paz. Assim, o respeito e a compreensão mútua entre as religiões lhes dão uma base de confiança para dialogarem sobre questões relativas à vida da humanidade e do planeta. E não o fazem por fatores circunstanciais, mas por exigências do próprio credo (WOLFF, 2012, p. 148).

O diálogo inter-religioso não visa uniformidade da doutrina. Não está em jogo a unidade doutrinal ou institucional de cada tradição religiosa. No diálogo inter-religioso a meta é a cooperação, ou seja, a colaboração entre as religiões na execução de projetos sociais que visem ao bem comum de todos. No espírito da cooperação se visa criar um mundo de justiça, paz e integridade da criação. Com isso fica claro que a proposta do diálogo inter-religioso não é fazer com que o fiel abandone seu credo e se converta. Isso é proselitismo. O diálogo inter-religioso precisa estar pautado no respeito e na compreensão, só assim as tradições religiosas serão capazes de dialogar sobre questões vitais da humanidade e do planeta, Casa Comum de todos.

Exigências fundamentais para o diálogo

Na análise da Declaração *Nostra Aetate*, Elias Wolff apresenta quatro exigências básicas do diálogo inter-religioso:

querer dialogar; atitude de simpatia; identidade e alteridade; e o princípio da convivência.

Querer dialogar – é o primeiro passo rumo ao diálogo inter-religioso. Mas não basta querer dialogar; são necessários disponibilidade de abertura e acolhimento. A partir da abertura do acolhimento e do respeito, é possível criar um ambiente propício para o amadurecimento de uma cultura dialógica. Wolff argumenta que: “É preciso *querer dialogar* para encontrar um modo correto de inserção no pluralismo religioso e da exploração positiva das possibilidades do diálogo” (WOLFF, 2012, p. 148).

Atitude de simpatia – é uma exigência fundamental que gera tolerância e aprendizado constantes. A simpatia é uma disposição interior que permite penetrar na experiência do outro, acolhê-lo e valorizá-lo. Wolff diz: “Isso está presente no próprio projeto de vida, e somente quem valoriza o que lhe é próprio pode valorizar o que é dos outros. Temos aqui uma disposição fundamental diante dos outros, simpatia” (WOLFF, 2012, p. 149).

Identidade e alteridade – são elementos essenciais no processo dialógico. Quem almeja dialogar, necessita criar uma identidade relacional e uma alteridade que leve ao autocohecimento. “É preciso pensar a identidade na alteridade, no paradigma da ‘concomitância diferenciada e articulada’ – a coincidência dos opostos, que constrói uma sensibilização que permite nova compreensão do Mistério no outro” (WOLFF, 2012, p. 150).

Princípio da convivência – pressupõe condições éticas para o diálogo, tais como: o respeito, a confiança, a sinceridade e a humildade. Para Wolff, o princípio da convivência “faz com que a liberdade seja respeitada entre povos e grupos que coexistem, mesmo em tensões” (WOLFF, 2012, p. 150).

Assim, aqueles que se propõem chegar à meta do diálogo inter-religioso jamais podem partir de aspectos negativos da religião, ou seja, pensar que uma religião é verdadeira e que as outras são falsas. Émile Durkeim, em seus estudos da religião, comenta: “No fundo, portanto, não há religiões falsas.

Todas são verdadeiras a seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana” (DURKHEIM, 1996, p. 7). No diálogo inter-religioso é incompatível conceber as religiões como superiores ou inferiores segundo a concepção durkeimiana.

Diálogo inter-religioso e espiritualidade

O diálogo inter-religioso deve estar imbuído da espiritualidade. A espiritualidade é um caminho rumo ao diálogo. Anselmo Grün comenta que: “Espiritualidade não significa colocar-se acima dos outros e se exibir com as próprias experiências espirituais, mas fazer as coisas comuns sem se vangloriar de nada” (GRUN, 2009, p. 155). O diálogo inter-religioso deve ser gestado a partir de uma espiritualidade que não se denomine autossuficiente. Pois na espiritualidade todos os caminhos espirituais se encontram. O teólogo Leonardo Boff reconhece que a “espiritualidade não é monopólio das religiões e de nenhum caminho espiritual; ela é uma experiência originária de todo ser humano”. Ele comenta que:

As religiões valem na medida em que conservam, alimentam, redizem e ritualizam a espiritualidade para cada geração e para cada pessoa. As religiões variam, são múltiplas, nascem, se desenvolvem e podem desaparecer, mas jamais desaparece a espiritualidade, pois ela é da essência do ser humano. [...] A partir dela se abre o espaço fecundo com as outras religiões que também vivem desta espiritualidade. As religiões são diferentes e muitas, mas a espiritualidade originária é comum a todas elas. É o que permite o entendimento entre as religiões (BOFF, 2006, p. 114-115).

A religião, à medida que é praticada, cria no ser humano uma harmonia plena e duradoura, pois ela é a porta principal para uma espiritualidade firme e aberta ao diálogo. Nesse sentido, a função da religião é contribuir para que cada pessoa possa conservar e guardar sua espiritualidade como elemento facilitador da vida e do diálogo. Sendo

múltiplas, as religiões ainda necessitam trilhar um caminho longo para se fortalecerem e crescerem em compaixão e sabedoria. Contudo, se as religiões um dia desaparecerem, a espiritualidade jamais deixaria de existir.

O ser humano é um ser espiritual por natureza, ou seja, a espiritualidade é inerente à condição humana. A partir do diálogo aberto e sincero com outras religiões, percebe-se quanta riqueza cada um traz dentro de si e o quanto ela é comum a todos. É na valorização da espiritualidade que cada religião cultiva uma atmosfera de paz, justiça e fraternidade. Diálogo e espiritualidade seguindo um mesmo rumo abrem uma porta de compreensão, antes fechada e de difícil acesso a todos. A partir desta abertura as religiões se tornam mais sensíveis para questões significativas que dizem respeito a toda a humanidade.

Do diálogo verdadeiro e simples entre as denominações religiosas surge uma espiritualidade sólida que permite um bom relacionamento e entendimento. Novamente Boff afirma: “O diálogo entre as religiões não pode começar pelas discussões das doutrinas, mas pela conscientização da espiritualidade que une a todos. E isso começa principalmente pela oração. Rezar é mergulhar na espiritualidade” (BOFF, 2006, p. 118-119). O ponto de partida para o diálogo inter-religioso não é a discussão em torno de questões doutrinárias. O que deve prevalecer antes de todas as coisas é a tomada de consciência da espiritualidade que gera unidade na diversidade.

A oração é um elemento importante para interiorizar o mistério que perpassa o seio de cada religião. Na oração todas as religiões se encontram pelo fato de ela ser comum a todas, ainda que de diferentes formas. Faustino Teixeira argumenta que: “Os diversos eixos do diálogo inter-religioso são mais bem compreendidos e vivenciados quando banhados por uma *espiritualidade* peculiar, um trabalho interior de desapego e abertura” (TEIXEIRA, 2008, p. 207). Avançar no diálogo inter-religioso requer, sobretudo, um trabalho interior, uma atitude de desapego e abertura para o novo. Nesse sentido a espiritualidade aponta luzes para uma convivência harmoniosa e pacífica.

O diálogo inter-religioso não pode jamais negligenciar a espiritualidade. Ela não é fuga do mundo e muito menos alienação. A espiritualidade é uma experiência que integra todas as dimensões da vida. Faustino Teixeira, na sua larga experiência em torno da temática do diálogo inter-religioso, diz:

Bons interlocutores para o diálogo são aqueles que estão em paz consigo mesmos, aqueles que vivem a experiência de um coração capaz de acolher formas diversificadas, um coração desobstruído de arrogância e vontade de poder. Há uma íntima vinculação entre o diálogo inter-religioso e a espiritualidade (TEIXEIRA, 2008, p. 209).

O diálogo deve partir de cada um mediante uma atitude que crie interiormente espaços de generosidade e bondade. Somente nessa abertura para o outro é possível o diálogo claro e consistente sobre o olhar da presença divina, expressão última da vida do ser humano. Fica evidente que a íntima conexão entre o diálogo inter-religioso e a espiritualidade é imprescindível para a fecundidade do diálogo inter-religioso no século XXI. Portanto, para dialogar se faz necessário estar em paz consigo mesmo. Essa paz interior leva o interlocutor a fazer experiência de abertura do coração para acolher o outro em sua diversidade religiosa. Nesse sentido, o diálogo inter-religioso requer um caminho que passa pela espiritualidade da escuta atenta.

O teólogo José Maria Vigil, ao apresentar a sua proposta de uma “teologia do pluralismo religioso”, faz uma distinção nítida entre religião e espiritualidade. Ele comenta:

A espiritualidade é anterior, mais ampla e mais fundamental do que as religiões. Anterior porque, como dissemos, as religiões são de ontem, enquanto a espiritualidade acompanhou o ser humano desde sempre. Mais ampla porque a religião é apenas uma forma de espiritualidade, uma forma que se dá em um determinado período histórico, em resposta a determinadas necessidades do estágio do processo evolutivo da humanidade em curso. Mais fundamental porque as religiões são sistemas de mediações, enquanto a própria dimensão humana que se expressa ou flui por essas mediações (VIGIL, 2006, p. 366).

A espiritualidade, existindo anteriormente, sendo mais ampla e mais fundamental que as religiões, está aberta a um trabalho interior de desapego e abertura. Os seres humanos têm outra percepção da espiritualidade e esta perpassa pela religião. O que permite fazer com que outras religiões vivam uma atmosfera mais sensível e serena. A mais *ampla* é a forma que se dá em um determinado tempo histórico e determina a necessidade de um processo evolutivo da humanidade. A *mais fundamental* é formada de sistemas de mediações que perpassa a dimensão do ser humano fazendo com que ele se expresse por essas mediações. A espiritualidade é anterior a tudo, esta acompanha o ser humano, desde sua origem. A religião deve ser facilitadora da espiritualidade contribuindo com o processo evolutivo da humanidade.

As formas de diálogo

Existem diferentes formas de diálogo inter-religioso. O documento *Diálogo e Missão do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso* cita quatro formas: o diálogo da vida, o diálogo das obras, o diálogo dos intercâmbios teológicos e o diálogo da experiência religiosa.

O *diálogo da vida*: consiste na promoção da vida principalmente onde ela encontra-se ameaçada. A vida está acima de qualquer credo religioso. Ela é um valor perene de todo ser vivente. Leonardo Boff comenta: “Quer queiramos, quer não, a religião é a cosmovisão comum da maioria da humanidade, nela se encontra orientação para a vida e dela derivam atitudes éticas” (BOFF, 2006, p. 108-109).

O *diálogo das obras*: trata-se de uma cooperação comum entre as diversas religiões em vista de um mundo mais justo e fraterno. Faustino Teixeira diz: “Que em muitos casos é do exercício inter-religioso de compaixão social e de sensibilização diante do sofrimento dos outros que nascem ricas iniciativas de colaboração comum” (TEIXEIRA, 2008, p. 148-149).

O *diálogo dos intercâmbios teológicos*: nesta forma de diálogo os peritos procuram aprofundar a compreensão de suas

tradições religiosas e aprendem também a apreciar a riqueza que existe nas outras tradições. É um aprendizado recíproco. Elias Wolff, ao comentar esta forma de diálogo, diz: “Surge, então, a necessidade de se aprofundar o conhecimento dos respectivos patrimônios religiosos, base para o mútuo conhecimento e separação de muitos preconceitos” (WOLFF, 2004, p. 70).

E, por último, o *diálogo da experiência religiosa*: que nada mais é do que compartilhar as riquezas espirituais, por exemplo, no que se refere à oração e à contemplação e aos caminhos da busca de Deus e do absoluto. Para Wolff, “essa forma de diálogo exprime os valores e os ideais mais altos do ser humano...” (WOLFF, 2004, p. 72). Nesta forma trata-se do nível mais profundo do diálogo inter-religioso.

O teólogo Elias Wolff argumenta que existem diferentes formas de diálogo entre as tradições religiosas. Diz ele:

Existem, portanto, diferentes formas dialogais de viver as circunstâncias dos encontros entre igrejas e religiões. Essas formas expressam o modo como as pessoas e/ou instituições se posicionam no contexto do pluralismo de igrejas e religiões, ao mesmo tempo em que são também como que uma orientação para compreensão das circunstâncias e do modo de vivê-las. Assim, circunstâncias diferentes mostram possibilidades diferentes de diálogo, havendo, portanto, multiplicidade dos modos ou graus de exercê-lo (WOLFF, 2004, p. 68).

Não existe apenas uma forma pronta para dialogar, mas diversas formas com as quais o ser humano pode se relacionar. As diferentes formas de diálogo vão surgindo conforme a necessidade que as igrejas e religiões encontram em seu caminho de busca dialogal. Em outras palavras, as formas de diálogo são como diretrizes que expressam a maneira como as pessoas e as instituições se colocam ante a diversidade do pluralismo religioso. Resumindo, nas formas de diálogo inter-religioso as tradições religiosas encontram certa convergência na compreensão do modo como cada uma vive.

Diálogo e religião

Anteriormente se definiu o diálogo inter-religioso e suas nuances. Agora se faz necessário definir o que é a religião. Para isso, nada melhor que recorrer às bases do pensamento sociológico. Em *As formas elementares da Vida Religiosa*, Émile Durkheim explana: “Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos aqueles que a elas aderem” (DURKHEIM, 1996, p. 32). Para Durkheim, dizer que a religião é um “sistema solidário” implica que ela não é algo extremamente intimista, mas social. Na sociedade é perceptível a força humana e ético-moral que a religião exerce até hoje.

Elias Wolff, analisando o documento *Nostra Aetate* (Relações da Igreja com as religiões não cristãs), comenta:

A necessidade do diálogo está no interior do próprio ser humano e de suas convicções mais profundas: somos pessoas constituídas em relação e desenvolvemos nossas convicções na relação com os outros. O mesmo serve para a religião: nossa fé é relação. Assim, toda pessoa religiosa precisa confrontar-se com o significado da pluralidade religiosa. A compreensão realista e positiva do pluralismo religioso impõe a exigência do diálogo inter-religioso (WOLFF, 2012, p. 151).

Todos os seres humanos carregam dentro de si uma sede de diálogo. O diálogo é intrínseco à pessoa humana. Com outras palavras, pode-se dizer que o diálogo faz parte do DNA do ser humano. Na relação com o outro, o ser humano se desenvolve e amadurece no exercício do diálogo. Amadurecendo, o ser humano estará aberto a aceitar com respeito a religião, ou melhor, a tradição religiosa do outro. A religião jamais deve infantilizar o ser humano.

A fé e a religião existem para orientar o ser humano na sua busca mais profunda por integração, isto é, por relação de comunhão e participação. Wolff argumenta que: “religião é

um sistema relacional, comunicacional, integrador. Eis uma proposta de comunhão com tudo e com o todo, comunhão humana e divina, cósmica e sobrenatural”. Se religião é um sistema relacional significa dizer que o diálogo está na base da religião. Um diálogo que ultrapassa a dimensão humana, ou seja, um diálogo que une e transcende espaço e tempo.

O pesquisador das religiões Ivo Pedro Oro, que têm dedicado especial atenção às questões socioculturais e religiosas, ao mundo das religiões e do ecumenismo, afirma que:

Dialogando entre si cristãos e cristãos, ou cristãos e não cristãos, podem caminhar rumo à verdade e enriquecer e purificar a própria fé [...]. Um diálogo assim não visa conversão do outro, mas a própria religião. Tende antes a uma conversão profunda de ambos para Deus, para o mesmo Deus que fala ao coração de cada um e atua em todos (ORO, 2013, p. 134-135).

O diálogo entre os cristãos é o diálogo religioso. O diálogo com os cristãos e não cristãos é diálogo inter-religioso. Tanto o primeiro quanto o segundo têm como finalidade chegar ao conhecimento da verdade e ao enriquecimento mútuo que cada religião possui. O diálogo inter-religioso também tem como finalidade a purificação da fé, ou seja, eliminar todo resíduo que impede o crescimento e o amadurecimento na arte do diálogo.

O diálogo inter-religioso não almeja a conversão de ninguém, mas sim estar próximo do outro e descobrir a beleza que há em outra religião. Muitos confundem diálogo inter-religioso com proselitismo, isto é, tentar convencer o outro a abandonar sua religião de origem. Assim, o diálogo entre as religiões visa em última análise à conversão de todos para o Divino Sagrado que fala no mais íntimo do coração de cada ser humano.

O teólogo alemão Hans Küng, estudioso das religiões, apresenta sua tese fundamental a respeito da importância das religiões na face planetária, nestes termos:

Não haverá paz entre as nações se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões se não existir diálogo

entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões se não existirem padrões éticos globais. Nosso planeta não irá sobreviver se não houver um *éthos* global, uma ética para o mundo inteiro (KÜNG, 2004, p. 280).

Segundo Küng, a paz entre as religiões é fundamental para gerar uma atmosfera de paz entre as nações. A paz é fruto do diálogo atento, sincero e respeitoso. Por isso, o diálogo, para acontecer, precisa ser regido pelos padrões éticos. Esses princípios éticos globais garantirão a sobrevivência do planeta Terra. No diálogo inter-religioso o sonho da paz deve ser uma constante. As religiões necessitam tomar consciência de que são agentes de paz num mundo onde se respira ódio e violência. Nada justifica a violência, seja ela física, psicológica, emocional etc.

Assim, nenhuma religião deve usar da violência em benefício próprio. Se não existir o *éthos* planetário, o diálogo não passa de utopia. As religiões, nesse sentido, são promotoras de justiça e paz. Durkheim diz “que a religião é uma coisa eminentemente social” (DURKHEIM, 1996, p. 16). A religião não é gueto fechado. Ela tem sua força de atuação na sociedade, uma vez que seus fiéis são indivíduos que interagem com o mundo.

Considerações finais

Neste início do século XXI, abordar o tema do diálogo inter-religioso implica sempre um desafio. Desafio porque muitos ainda permanecem fechados em si mesmos. O diálogo inter-religioso instiga a comunicação e o relacionamento entre fiéis de tradições diferentes, envolvendo partilha de vida, experiência e conhecimento. Com isso, fica evidente que não há como conhecer outra tradição religiosa senão mediante o diálogo inter-religioso. Ele traduz a riqueza de um novo aprendizado adquirido a partir da experiência religiosa do outro.

O ser humano é um ser de relações pessoais e interpessoais. Dizendo de outro modo, o ser humano não vive sem

dialogar. O diálogo está intrinsecamente ligado a sua condição relacional. No mundo das religiões o diálogo é algo que necessita ser fomentado para criar uma cultura de paz e não violência. Somente com este pensamento de abertura e cooperação é que as religiões conseguirão um mundo mais justo e harmonioso, pois é no exercício do diálogo e da compaixão que nasce a riqueza da colaboração na construção de outro mundo possível.

Assim, as religiões compartilham através do diálogo a própria experiência espiritual, ou seja, a oração e a contemplação, pontos mais altos da experiência religiosa. Oração e contemplação são elementos comuns da espiritualidade presente no interior de cada tradição religiosa. Nesse sentido, o diálogo inter-religioso deve estar envolvido por uma espiritualidade peculiar, ou seja, por um trabalho interior de desapego e abertura.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. O que é o diálogo inter-religioso?
2. Quais as suas principais condições?
3. Qual é verdadeiramente a meta do diálogo inter-religioso no século XXI?

Referências bibliográficas

- BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. Vol. II: Convivência, respeito e tolerância.
- DIÁLOGO E ANÚNCIO do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 2005.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GRÜM, Anselmo. *A fé dos cristãos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- ORO, Pedro Ivo. *Fenômeno religioso: como entender*. São Paulo. Paulinas, 2013.
- SECRETARIADO PARA OS NÃO CRISTÃOS. *A Igreja e as outras religiões*. São Paulo: Paulinas, 2001. (Diálogo e Missão).
- TEXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. São Paulo: Santuário, 2008.
- VIGIL, Maria José. *Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.
- KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: em busca de pontos comuns*. São Paulo: Verus, 2004.
- WOLFF, Elias. *Ministros do diálogo: o diálogo ecumênico e inter-religioso na formação presbiteral*. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. *Unitatis Redintegratio. Dignitatis Humanae. Nostra Aetate*. Textos e comentários. São Paulo: Paulinas, 2012.

Acompanhamento espiritual

A contribuição e a participação ativa dos leigos

VIRGÍNIA DOS SANTOS*

Introdução

Existem momentos na vida em que as pessoas necessitam de um discernimento especial e de um acompanhamento fraterno. É a lógica da vida cristã; por isso,

É preciso redescobrir a grande tradição do Acompanhamento Espiritual pessoal, que sempre deu tantos e tão preciosos frutos na vida da Igreja (João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis* 40: o.c, 723.30).

O Acompanhamento Espiritual ajuda no crescimento da fé e a viver com mais intensidade a experiência de Deus. Para tal, é necessário buscar alguém que nos leve a entender, com maior clareza, os desígnios de Deus na vida de oração, ao longo da caminhada de cristãos batizados, e, sobretudo, no fortalecimento da nossa fé. Não somente os cristãos se beneficiam com essa prática. Seguindo essa linha de pensamento, o Frei Patrício Sciadini afirma que:

É significativo colocar em evidência que todas as religiões têm os seus mestres, os seus guias, os seus sacerdotes que iniciam ao conhecimento religioso as pessoas que procuram fazer um caminho espiritual. Encontramos sem dúvida grandes mestres, como Confúcio, os místicos hindus, os sufis muçulmanos ou outros em outras religiões (SCIADINI, 2010, p. 57).

Portanto, é importante lembrar que existem outras religiões que professam uma fé diferente do Catolicismo e

* **Ir. Virgínia dos Santos** é religiosa do Instituto das Irmãs Franciscanas da Imaculada. Promotora vocacional da congregação, formada em Magistério no Colégio Estadual Erlando Tinoco Melo (1995) e bacharel em Teologia pela Universidade Católica do Salvador. Atualmente, é superiora local e assume atividades pastorais na Diocese de Camaçari. **Endereço da autora:** Rio Bandeira III, 71B, Bairro Natal (Bomba), Camaçari-BA. CEP: 42800-230. **E-mail:** vivitereza@hotmail.com.

também utilizam a prática do acompanhamento ou direção espiritual. Por isso se deve ter consciência de que esse ministério não é só para os católicos. No âmbito cristão, o ministério do Acompanhamento Espiritual só pode ser realmente compreendido por aqueles(as) que descubram qual é o papel do Espírito na vida espiritual, pois é Ele quem dirige e conduz cada processo. Não se pode colocar em dúvida que só há um Diretor: “o Espírito Santo”. O acompanhante, por sua vez, exerce uma *diakonia*,¹ pelo fato de estar a serviço deste mesmo Espírito.

O tema em reflexão também é conhecido como “direção espiritual”, praticada desde os primeiros séculos da Igreja até os nossos dias, compreendida como uma práxis milenar que deu frutos de santidade e disponibilidade evangelizadora, com uma ênfase no sentido de caminharmos e nos nutrirmos reciprocamente. Entretanto, o Frei Patrício Sciadini, OCD (2008, p. 56), reflete que a expressão “direção espiritual” não se adéqua aos nossos dias porque faz ressoar uma ideia de limite à liberdade dos acompanhados. Daí surgiu a necessidade de resgatar um termo mais amplo para definir a rica experiência da direção espiritual. Surge, então, a expressão “Acompanhamento Espiritual” para enfatizar esse caminhar junto. A palavra acompanhamento traz em si o significado de companheiro, que significa “comer do mesmo pão”.

Hoje em dia, esse acompanhamento está sendo ministrado não somente por sacerdotes ou religiosos, mas, sobretudo, pelo apostolado leigo que, por sua vez, se torna mais amplo e significativo na vida da Igreja, conforme destaca o *Catecismo da Igreja Católica*:

Uma vez que, como todos os fiéis, os leigos são encarregados por Deus do apostolado em virtude do Batismo e da Confirmação, eles têm a obrigação e gozam do direito, individualmente ou agrupados em associações, de trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens e por toda a terra; esta obrigação é ainda mais presente se levarmos em conta que é somente por meio deles que os

1. *Diakonia* é traduzida por palavras como servir, serviço, servo; assistir, assistência; ministério. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, p. 235.

homens podem ouvir o Evangelho e conhecer a Cristo. Nas comunidades eclesiais, a ação deles é tão necessária que sem ela o apostolado dos pastores não pode, o mais das vezes, obter seu pleno efeito (CIC, p. 258, n. 900).

O Acompanhamento Espiritual ensina a lidar consigo mesmo, com o outro e com Deus principalmente; é um caminho que se vai alargando e mostra a plenitude de Deus. É nessa perspectiva que o presente artigo vem refletir sobre a importância do Acompanhamento Espiritual, dando um enfoque particular à contribuição e participação ativa dos leigos nesse tão significativo apostolado como instrumento de fortalecimento na fé e na relação pessoal com Deus.

Para objeto de reflexão, foi selecionado o Acompanhamento Espiritual como ferramenta para o crescimento humano e espiritual do cristão, com ênfase na atuação dos leigos, que vêm assumindo esse ministério de modo intenso e fecundo, ampliando, assim, a compreensão de seus significados, formas e ministerialidade na vida e no serviço à Igreja. Considerando, sobretudo, o que dizem os caracteres pós-conciliares do Vaticano II, por meio dos decretos e documentos, que enfatizam o valor e a abertura dos leigos na Igreja, constituídos em povo de Deus, participam, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercendo a missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo.

A pergunta de investigação que norteou nossa pesquisa foi: *Qual a importância, para a Igreja, da atuação teológica e pastoral dos leigos no ministério do Acompanhamento Espiritual?* Portanto, pretendemos, neste texto, analisar a importância do Acompanhamento Espiritual, aprofundando o protagonismo laical no contexto teológico e na práxis pastoral da Igreja.

A busca de uma melhor compreensão histórica e teológica, das circunstâncias favoráveis e desfavoráveis ao papel dos leigos na ministerialidade do Acompanhamento Espiritual, é fundamental para a atualização pastoral e teológica nas atuais circunstâncias eclesiais e sociais, pois os leigos estão assumindo uma responsabilidade maior no serviço da Igreja, na vida comum, no culto e no trabalho. Verificamos

que há uma maior consciência de que são chamados a ser santos e mais empenhados na fé e no serviço daqueles que procuram ter um compromisso com a Palavra de Deus e alimentar a sua vida espiritual.

A escolha desta temática foi motivada, também, por razões pessoais, pois esse desejo de escrever um artigo abordando a importância do Acompanhamento Espiritual para as pessoas nasceu da experiência que tive na formação para a Vida Religiosa e com as pessoas que me acompanharam espiritualmente. Este caminho se fortaleceu, mais ainda, quando uma leiga de espiritualidade inciana começou a fazer o meu acompanhamento, levando-me a perceber quanto é grande a misericórdia de Deus na minha vida, ajudando a conhecer melhor o meu humano, acreditando, cada vez mais, que a oração transforma tanto a condição humana quanto a dimensão espiritual.

Por outro lado, no decorrer das minhas atividades pastorais, percebi a necessidade de que as pessoas têm de escutar e de serem escutadas, a fim de abrir caminhos para ajudar o outro a melhor se relacionar com Deus, consigo mesmo e com os acontecimentos do cotidiano. Com isso, senti-me motivada a estudar, refletir e escrever sobre esse tema, visando compreender melhor a importância do Acompanhamento Espiritual como fonte de fortalecimento da nossa fé. Meu intuito é, também, aquele de ressaltar o protagonismo dos leigos neste ministério eclesial.

Para um melhor desempenho dessa pesquisa, foram realizadas, além de buscas bibliográficas, entrevistas com sacerdotes e leigos que já exercem esse ministério teológico e pastoral, registrando, também, a opinião do Arcebispo Primaz da Arquidiocese de São Salvador, Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger, a fim de ampliar a compreensão e constatar a eficácia do Acompanhamento Espiritual realizado por leigos e leigas em nosso contexto eclesial e os frutos deste ministério.

1. Direção ou acompanhamento?

Segundo o Dicionário Houaiss, a palavra *acompanhamento* significa: “ato ou efeito de acompanhar, de estar ou ir junto”. E a palavra *direção* significa: “ato ou efeito de dirigir, comando, indicar uma direção”. Partindo destas duas definições, podemos dizer que a expressão “direção espiritual” parece não ser mais adequada aos nossos dias, já que, para muitos, esse termo carrega consigo a ideia de limite à liberdade da pessoa, isto porque, segundo Tomás Rodríguez Miranda, SJ:

Durante muito tempo, e influenciada pela mentalidade medieval da “sociedade-já-cristã” (a famosa “cristandade”), na qual o cristão recebia a “fé-já-feita”, a direção espiritual girava sobre o pressuposto de que o diretor “dirigia” e impunha mandando, ainda que teoricamente não se admitisse que fosse assim (MIRANDA, 2010, p. 14).

Partido deste pressuposto, na direção pode acontecer uma manipulação do acompanhado, o diretor pode passar só o que ele pensa e a pessoa que está sendo acompanhada pode ser condicionada a só receber, sem ter direito à sua própria autonomia, diminuindo assim a liberdade e a privacidade de decidir. Podemos afirmar que, hoje, muitos teólogos, bem como psicólogos, não aderem a essa visão que, para eles, é tida como um pensamento de autoritarismo espiritualista. Contudo, vale ressaltar que o mesmo autor acima citado considera a direção espiritual como uma ajuda no caminho da santificação, pois ele vê o termo direção como algo vivo na Igreja e não pretende eliminá-lo, mas sim revitalizar, como afirma no seu livro:

Resgatando-o da conotação de “diretívismo” e ressuscitando-o para a conotação de encontrar a direção, o sentido, o caminho, a orientação, o rumo para o Pai, acompanhado do serviço de um amigo desinteressado.

Aqui vale ressaltar que a pesquisa realizada constatou, tanto em livros como no uso corrente das pessoas, uma

alternância no uso dos termos acompanhamento ou direção espiritual. Dom Murilo Krieger assim reflete:

Não vejo uma distinção especial entre Direção Espiritual e Acompanhamento Espiritual, a não ser que se tenha uma visão ultrapassada de Direção Espiritual – isto é, que se veja a Direção como um “direcionamento” da vontade do outro, como um tomar decisões pelo outro ou, até, como um ordenar o que o outro deve fazer. Ora, ninguém mais aceita esse tipo de relação de ajuda. Mas, justamente porque a palavra “direção” pode dar origem a mal-entendidos, é que, hoje, muitos preferem a expressão “Acompanhamento Espiritual”.²

Portanto, inicialmente, no âmbito eclesial, falava-se em direção espiritual; hoje, fala-se mais em Acompanhamento Espiritual, isso decorre de uma mudança no que se refere ao estilo, pois *direção* evoca algo ou alguém que dirige, ou seja, que dá a direção ao outro, enquanto o termo acompanhamento evoca alguém que está próximo, ou seja, alguém que está perto para ajudar na caminhada. Dessa forma, podemos dizer que, a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II, o termo “direção espiritual” tomou um novo rumo, com uma perspectiva mais aberta e significativa através da expressão Acompanhamento Espiritual, visto que esta traduz ou expressa melhor o que o termo acompanhamento significa: ajudar a pessoa a crescer na fé e ser ela mesma na relação e na busca da vontade de Deus.

Salientamos que, na espiritualidade inaciana, é usado o termo Acompanhamento Espiritual, porque os Exercícios Espirituais Inacianos pressupõem o exercitante, aquele que faz a experiência dos Exercícios, e o acompanhante, aquele que escuta a partilha e dá os passos para a oração. Isso implica que o acompanhante não se coloque no papel de diretor de consciência e que o acompanhado se disponha a ser todo dedicado ao seu Criador e Senhor. O despojamento é requerido tanto a quem dá como a quem recebe os exercícios. Ambos devem focar todo o seu ser em Deus e procurar captar o menor sinal que possa advir de sua vontade. Essa

2. Entrevista realizada pela autora em 30 de maio de 2013.

atitude fundamental implica que todas as nossas potencialidades estejam ordenadas unicamente ao serviço e louvor de sua divina Majestade. Nesse sentido, o Acompanhamento Espiritual parece ser uma expressão muito feliz para designar a relação que se estabelece entre a pessoa que acompanha e aquela que é acompanhada no processo dos exercícios espirituais.

Também a CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil), percebendo que esse ministério de se colocar diante do outro, não como agente da sua experiência de Deus, mas tão somente como testemunha da ação do Espírito Santo e da busca pelo absoluto presente no coração de cada ser humano, utiliza o termo Acompanhamento Espiritual, denominando, assim, uma prática metodologicamente refletida e organizada de ajuda às pessoas. No acompanhamento, há uma pessoa qualificada para ajudar a fazer a leitura das pegadas de Deus no caminho espiritual e não para impor o que se pensa.

Confirmamos, então, que a Igreja hoje continua usando o termo direção espiritual, porém com uma carga semântica nova em relação à sua antiga significação, enquanto o termo acompanhamento, nos dias de hoje, ressoa com mais suavidade e liberdade.

2. O Acompanhamento Espiritual e a sua importância na vida das pessoas

O Acompanhamento Espiritual sempre foi visto, no decurso da história da Igreja, como um meio importante para progredir no caminho da santidade. No texto de Tobias 4,18 encontramos a seguinte citação: “Busca o conselho de toda pessoa sensata, e não desprezes nenhum conselho salutar”. Considerando esta frase e outras escritas na antiga e na nova Aliança, podemos afirmar que é nas Sagradas Escrituras que se fundamenta esta prática. No texto de Mc 4,34, “e nada lhes falava a não ser em parábolas. A seus discípulos, porém, explicava tudo em particular”,³ percebemos que o

3. As citações bíblicas colocadas no artigo foram tiradas da *Bíblia de Jerusalém*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

próprio Jesus Cristo ensinava a doutrina aos seus discípulos pela via do caminho espiritual.

Contudo, é no primeiro século, com os monges do deserto, entre eles: Santo Pacôncio, João Damasceno e outros, que nasce a doutrina da direção espiritual; para estes, a prática da direção espiritual não era vista como privilégio, mas sim como um dever para todos aqueles que aspirassem à perfeição. Daí os santos e mestres espirituais, bem como o magistério da Igreja Católica, sempre recomendaram, com insistência, esta prática a todos os cristãos. Nessa perspectiva, podemos mencionar o grande teólogo e Padre da Igreja, São Gregório de Nissa, que, no ano 371, enfatiza a necessidade do acompanhante espiritual, em um contexto de pleno desenvolvimento da espiritualidade monástica, que, naquela época, correspondia ao ideal não apenas dos monges, mas de todo cristão, a saber: viver plenamente a vida, segundo o Espírito recebido no Batismo.

Na Idade Média, podemos encontrar, nos escritos de Santa Catarina de Sena, e outros místicos que se destacaram naquele período histórico, a relevância da direção para o crescimento na vida espiritual e, percorrendo um pouco mais as trilhas da história, encontraremos dois grandes místicos do Carmelo: São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila. Eles que, nesse período, através dos seus escritos, fomentaram a importância da figura do diretor espiritual, conforme podemos perceber neste trecho, no qual Frei Sciadini (2008, p. 24) comenta São João da Cruz, quando

apresenta como indispensável a presença dos diretores espirituais, que, tendo experiência vivencial e conhecimento teórico, têm como missão ajudar os que querem verdadeiramente harmonizar a própria vida interior com o projeto de Deus.

Mas foi, sobretudo, através do Magistério da Igreja que esta prática se confirmou e difundiu-se, conforme está expresso em um dos trechos do Catecismo da Igreja, quando nos diz:

O Espírito Santo dá a certos fiéis dons de sabedoria, de fé e de discernimento em vista do bem comum que é a oração (direção espiritual). Aqueles e aquelas que têm esses dons são verdadeiramente servidores da tradição viva da oração. Por isso, se a alma deseja avançar na perfeição, conforme o conselho de S. João da Cruz, deve “considerar bem em que mãos entrega-se, pois, conforme o mestre, assim será o discípulo; conforme o pai, assim será o filho”. E ainda: “o diretor deve não somente ser sábio e prudente, mas também experimentado [...]. Se o guia espiritual não tem a experiência da vida espiritual, é incapaz de nela conduzir as almas que Deus chama, e nem sequer as compreenderá” (CIC, p. 690. n. 2690).

Também nós, cristãos do século XXI, somos convocados a procurar estas pessoas que foram escolhidas por Deus para nos ajudarem a fazer tal experiência profunda, para nos conduzir a viver e ensinar os caminhos do amor como fonte inesgotável de vida cristã e, a exemplo de Santa Teresa de Ávila, poderemos proclamar: “Nada te perturbe, nada te amedronte, tudo passa. Deus não muda. A paciência tudo alcança. Quem a Deus tem, nada lhe falta. Só Deus basta”. Ao fazer essa experiência de Deus, fundamentada no caminho percorrido por meio da oração e com a orientação de outra pessoa, certamente, poderemos, a exemplo de Santa Teresinha, proclamar ardentemente: “Deus, só Ele basta!”.

Em um dos trechos da entrevista com o nosso Arcebispo, Dom Murilo Krieger, vemos que o caminho espiritual não se dá sozinho; precisamos de alguém para nos ajudar a viver melhor a experiência com Cristo e discernir a vontade de Deus no cotidiano da vida:

O Acompanhamento Espiritual é muito importante, porque ninguém é bom mestre de si mesmo. Uma pessoa bem preparada, com boa formação humana, teológica e espiritual pode ajudar a outra a ver aspectos que essa não veria sozinha. Por sinal, o Acompanhamento Espiritual é tradicional na Igreja, desde o seu início, numa imitação do que Jesus Cristo fazia com seus apóstolos: ele ensinava a todos e, depois, dava orientações particulares e, mesmo, pessoais, a eles (Dom Murilo Krieger).

Hoje, e desde sempre, as pessoas, sobretudo os cristãos, nas múltiplas dificuldades da vida, procuram indivíduos considerados mais sábios e experientes para pedirem luz e conselho. Isso porque a experiência de Deus, que fazemos por meio do um Acompanhamento Espiritual, parte de uma necessidade que está enraizada na própria natureza do ser humano, principalmente, daqueles que livremente abraçam a fé. O acompanhamento é um ministério de suma importância espiritual para que os cristãos possam viver a sua vocação à santidade, conforme nos afirma São Paulo em sua Carta a Tito 1,4: “A, Tito, meu verdadeiro filho na fé comum, graça e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Salvador”.

Em se tratando de amadurecimento da fé, os Padres da Igreja chamaram a atenção para o risco daquele que caminha sozinho na vida espiritual, pois os perigos de ilusão são muitos. Daí a importância de o cristão buscar um acompanhante, que o ajude a não cair nas ciladas do inimigo e que o oriente no caminho espiritual dentro dos princípios da doutrina cristã, uma vez que fala teologicamente em nome da Igreja, como nos afirma o Papa Leão XIII, quando escreve:

Deus dispôs que, de forma ordinária, os homens se salvem com a ajuda de outros homens; e assim, aos que Ele chama a um grau mais alto de santidade, lhes proporciona também quem lhes guie até esta meta (*Testem benevolentem*, 22-I-1899).

Vemos, aqui, uma sinalização de que o papel de orientar, acompanhar espiritualmente as pessoas é uma missão divina. Ninguém escolhe ser acompanhante. Este é um chamado, uma vocação, um serviço gratuito e amoroso, uma forma de colaboração na messe do Senhor.

Ressaltando a importância do ministério do Acompanhamento Espiritual, diríamos que esta é uma prática que conduz a um novo jeito de nos relacionarmos de forma mais consciente nesse tão iluminado caminho de fé que a Igreja nos oferece como instrumento para fazermos uma fecunda

experiência de Deus, como nos orienta o Papa João Paulo II, na Carta aos seminaristas da Espanha:

Na própria vida não faltam escuridão e até fraquezas. E no momento da direção espiritual pessoal fala-se com confiança, se expõe com simplicidade as próprias lutas interiores, continua sempre para frente, não haverá obstáculos nem tentações que possam afastar-vos de Cristo. (Mensagem do Papa João Paulo II aos seminaristas da Espanha).

Essa prática ministerial do Acompanhamento Espiritual também foi exercida por Jesus, conforme podemos constatar no episódio dos “Discípulos de Emaús”, narrado pelo Evangelista São Lucas, quando nos apresenta Jesus que caminha lado a lado com os discípulos: “o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles” (Lc 24,15b). Nesse percurso rumo a Emaús, Jesus os ajudou a discernir a situação em que estavam vivendo e fazer a experiência de Deus:

Então seus olhos se abriram e o reconheceram: ele, porém, ficou invisível diante deles. E disseram um ao outro: Não ardia o nosso coração, quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras? (Lc 24,31-32).

3. O protagonismo do leigo no Acompanhamento Espiritual

Como foi salientado no tópico anterior, o Acompanhamento Espiritual originou-se em princípio, sobretudo, nos mosteiros (tanto no Oriente quanto no Ocidente) e, por conseguinte, também foi incentivado por diversas escolas de espiritualidade, a partir da Idade Média. Sua aplicação na vida cristã, embora com a denominação de direção espiritual, tornou-se mais frequente desde os séculos XVI-XVII, como pode ser constatado nos escritos de muitos santos e santas, que viveram essa experiência de forma fecunda e eficaz, tais como: Santa Teresa de Jesus, São João da Cruz, Santo Inácio de Loyola, São João de Ávila, São Francisco de

Sales, Santo Afonso Maria de Ligório, Pedro de Bérulle etc. Mesmo que, predominantemente, a direção espiritual tenha sido dada por monges e sacerdotes, sempre existiram fiéis (religiosos e leigos) que prestaram este serviço ministerial, sobretudo, a partir da experiência vivida por Santo Inácio de Loyola.

Podemos, aqui, destacar Santo Inácio de Loyola como um exemplo bastante significativo do protagonismo do leigo no Acompanhamento Espiritual, com base na sua profunda experiência de Deus. Inácio e seus companheiros eram jovens universitários. Só depois de muitos anos e muita experiência, os companheiros decidiram constituir a Companhia de Jesus, na qual se plasma a espiritualidade inaciana e, posteriormente, torna-se uma ordem religiosa. Assim, podemos dizer que a origem do carisma inaciano é leiga, isto porque, inicialmente, quando Inácio era um leigo e não havia feito os estudos de Teologia, sua vida apostólica foi organizada em torno da amizade espiritual, que consistia em partilha e conversação. Ele conversava a partir de sua própria experiência. Contudo, não demorou a apreender que as pessoas aproveitam mais escutando o que necessitam escutar, ao invés de ouvir o que ele tinha necessidade de falar. Foi assim que, em Santo Inácio de Loyola, brotou o firme propósito de “ajudar as almas”. Ele queria ajudar as pessoas que o procuravam a encontrar Deus e, assim, com essa sua forma de orientar, sempre conduzia cada pessoa a contemplar os mistérios da vida de Cristo e, nesta luz, encontrar, concretamente, como usar seus dons para a construção do Reino de Deus, o que, em síntese, chamamos hoje de Acompanhamento Espiritual.

Santo Inácio preza muito a colaboração dos leigos e, nos dias atuais, cresce, cada vez mais, a participação destes na Igreja, como vemos no artigo de Maria Clara Bingemer:

O cristão leigo – homem ou mulher – ao qual nos referimos hoje, portanto, quando falamos de colaboração, não é o mesmo de ontem. É uma pessoa consciente de que, tal como o religioso e o sacerdote, está – por sua condição mesma de batizado

– chamado à santidade, à perfeição e ao apostolado; chamado a exercer na Igreja e na “nova evangelização” da sociedade um papel muito mais ativo e responsável (BINGEMER, 2001, p. 32).

De acordo com o *Catecismo da Igreja Católica*, o leigo é chamado a ser fermento de santidade, testemunhando as riquezas de seu Batismo e Confirmação, assumindo o seu compromisso como membros efetivos do Povo de Deus e da Igreja.

Os leigos podem também se sentir chamados ou vir a serem chamados para colaborar com os próprios pastores no serviço da comunidade eclesial, para o crescimento e a vida da mesma, exercendo ministérios bem diversificados, segundo a graça e os carismas que o senhor quiser depositar neles (CIC, p. 260. n. 910).

Vemos, então, que os leigos, quando exercem este ministério do Acompanhamento Espiritual, assumem a missão que lhes foi conferida no Batismo, aquela de ser sacerdote, não o sacerdócio ministerial, mas o sacerdócio régio, ou seja, aquele sacerdócio que é comum a todo cristão e ratifica o chamado universal à santidade, e, ao mesmo tempo, dá credibilidade ao corpo laical com a possibilidade e a habilidade de exercer os ministérios a ele/ela confiados. Aqui nos parece relevante ressaltar um trecho da entrevista com uma leiga, Cesarina Marques, que assume o ministério do acompanhamento no CIES:

Nos dias atuais, os leigos e leigas tomam consciência, cada vez mais, da sua presença na vida e missão da Igreja. A Constituição *Lumen Gentium* afirma: “Os leigos são fiéis que, pelo Batismo, foram incorporados a Cristo, constituídos no Povo de Deus e, a seu modo, feitos partícipes do múnus régio, profético e sacerdotal de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o povo cristão, na Igreja e no mundo” (LG 31). O desempenho de vários ministérios, entre eles o da Escuta, seja no Acompanhamento Espiritual, seja fora dele, no seguimento de Jesus, aumenta a cada ano, e o número de pessoas que os procuram também tem sido significativo.⁴

4. Entrevista realizada pela autora em 12 de agosto de 2013.

No documento intitulado *Christifideles Laici* (2011, p. 19), João Paulo II afirma que “os fiéis leigos têm um lugar original e insubstituível na vida, por meio deles a Igreja de Cristo torna-se presente nos mais diversos setores do mundo como sinal e fonte de esperança e amor”. Podemos dizer que um desses setores são os espaços de escuta dentro dos vários ministérios assumidos pela Igreja. Partindo desse pressuposto, vemos que o serviço do Acompanhamento Espiritual não é, nem está reservado, apenas, aos religiosos, ou mesmo aos presbíteros, àqueles que receberam o sacramento da Ordem, mas, também, ao leigo ou à leiga que deseja assumir esse ministério, desde que seja concebido como um verdadeiro serviço que se presta a uma escuta qualificada da vida de outra pessoa, ajudando-a a perceber melhor as riquezas e a diversidade do amor de Deus nas experiências vividas no cotidiano de suas vidas. Podemos confirmar essa reflexão a partir de outro trecho, com a entrevistada Olímpia Almeida, outra leiga do CIES, quando ela afirma:

Acredito que os leigos podem contribuir significativamente neste Ministério, inclusive no acompanhamento junto aos religiosos e religiosas, introduzindo, aí, um olhar novo, uma compreensão nova, uma percepção mais aguçada, advindas do contato mais próximo que temos com as realidades desafiadoras e perturbadoras do nosso mundo. Contudo, percebo que a participação dos leigos neste Ministério ainda se dá de forma muito tímida, haja vista a pequena quantidade de pessoas comprometidas e dispostas a colaborar. Este testemunho é comprovado pelo pequeno número de pessoas que comparecem quando convidadas a fazer um Retiro ou a participar de alguns encontros de oração que se destinam a propiciar esse despertar para a missão do Acompanhamento Espiritual. Entretanto, sabemos todos que a obra é Dele e a pressa é capricho nosso. Se é Ele quem desperta, quem chama e convida, cabe a nós apenas abrir as portas e facilitar o caminho daqueles que forem chegando para contribuir conosco e com o Reino neste Ministério que, de tão humano, sentimos mesmo ser divino.⁵

5. Entrevista realizada pela autora em 12 de agosto de 2013.

O Magistério da Igreja, com sua autoridade, tem confirmado esta prática, recomendando-a e, inclusive, prescrevendo-a em determinados casos, conforme está escrito na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in America* de João Paulo II:

Para amadurecer espiritualmente, o cristão deve recorrer ao conselho dos ministros sagrados ou de outras pessoas experientes neste campo mediante a direção espiritual, prática tradicionalmente presente na Igreja.

Contudo, acompanhar alguém no seu processo de crescimento humano e espiritual requer não apenas dom e carisma (inclinação “natural” para acolher e ouvir a outra pessoa), mas, também, habilidade ou competência para colocar em prática o que pode ser aprendido teoricamente, através de métodos e técnicas de escuta, bem como uma profunda experiência de oração e prática do discernimento, como podemos perceber neste trecho da entrevista com o Pe. Ailan Simões, falando sobre a experiência de ser acompanhado por uma leiga que assume sua missão de acompanhante no CIES:

Igualmente, recorda-nos o referido Pontífice, que os leigos plenamente unidos à Igreja, enquanto membros vivos, que pelo sacramento do Batismo participam do *múnus* sacerdotal, profético e real de Cristo, devidamente instruídos, por meio de sólida formação humana, ética, doutrinal, espiritual e teológica, estão vinculados ao mundo, e por via da dupla dinâmica cristã, da vida mística e ativa, edificam a Igreja, santificam o mundo e o vivificam em Cristo. Com base no preâmbulo oferecido, considero que ao ser acompanhado espiritualmente durante alguns anos por uma leiga, cuja vida consagrada à espiritualidade inaciana, além de devidamente preparada e instruída, não pude, em suma, experimentar no caminho espiritual de Santo Inácio outra coisa senão uma via de santificação, que cada vez mais levou-me à união a Cristo, no amor e no serviço, a Ele e aos demais. Nesse sentido, os leigos muito podem contribuir com a Igreja em sua missão.⁶

6. Entrevista realizada pela autora em 23 de outubro de 2013.

Nesse sentido, podemos afirmar que, para exercer o ministério de Acompanhamento Espiritual, são necessários e fundamentais alguns requisitos, tais como: uma formação qualificada, conhecimento básico de psicologia do comportamento humano para compreender mais profundamente a pessoa, suas motivações para viver, os problemas, traumas, realizações e frustrações que determinam ou condicionam o seu agir no mundo. Além disso, requer, também, um bom conhecimento da Sagrada Escritura, uma vez que se trata de ajudar a pessoa acompanhada a perceber os apelos de Deus em sua vida, a fim de entender a maneira única de Deus acompanhá-la ao longo de sua história, os sinais de sua presença viva e eficaz. Portanto, trata-se de uma qualificação que se obtém pelo estudo, pela reflexão e, principalmente, pela própria vivência como cristão/cristã atento/a aos sinais de Deus na própria vida, na vida das outras pessoas, nos fatos e acontecimentos.

Por isso, o diretor precisa atuar a partir de uma atitude global que inclua, como elemento fundamental e inevitável, a motivação cristã, ou seja, o conjunto dos “porquês” do Evangelho. O diretor deve ser homem de fé, estimulado pelos mesmos motivos pelos quais Jesus vivia (MIRANDA, 2010, p. 92).

Ressaltamos que outra característica a ser considerada é a atenção ao indivíduo, pois se está diante de um mistério que vai se revelando, se dando a conhecer, mas que não pode ser nunca esgotado. Em um trecho do livro de Imoda (2005, p. 56) afirma:

Somos, portanto, “dialéticos”: queremos Deus, mas somos “mundanos”; assim ele nos fala dessa realidade mostrando como, no ser humano, há, por um lado, a presença do desejo de transcender, e por outro, o medo que nos segura.

Essa realidade também aparece nas palavras de Jesus, quando diz que seus seguidores, apesar de estarem no mundo, não são do mundo: “Eu lhes dei tua palavra, mas o mundo os odiou, porque não são do mundo, como eu não

sou do mundo” (Jo 17,14). Esse é o mistério da pessoa humana: alguém que se encontra entre o finito (condição) e o infinito (chamado), como afirma a leiga Cesarina, que vive a espiritualidade inaciana:

O papel que leigos e leigas vêm desempenhando através da Espiritualidade Inaciana, cujo objetivo é ajudar as pessoas a discernir e procurar a vontade de Deus na vida, encontrar a paz, contemplar, sentir e saborear as coisas de Deus internamente para testemunhar com alegria.

Assim, o Acompanhamento Espiritual se dá através de uma relação de ajuda, de caminhar juntos rumo a um objetivo. Para Costa (2002, p. 49-51), “o acompanhamento se torna verdadeira pedagogia da liberdade cristã quando ajuda a pessoa a descobrir a que é chamada e qual o sonho de Deus para sua vida”. Todavia, o mesmo autor relata que, conforme o Cardel Martini, para se chegar a este objetivo, três pontos são essenciais: a valorização do momento do caminho espiritual, o que fala sobre o desejo de mover-se, “de entrar em um caminho, em um itinerário”; o dever de conhecer o estado da oração daquele a quem se quer ajudar, já que a oração diz do conjunto da vida da pessoa; e conhecer os obstáculos principais que se encontram na vida dessa pessoa.

Entretanto, além do sentir-se chamado(a) e da preparação necessária para assumir este ministério, os leigos ainda enfrentam outro grande desafio nessa missão de ser acompanhante espiritual, que é o “preconceito”; conforme observamos nesta fala da entrevistada do CIES:

A alegria de presenciar padres, religiosos, religiosas, procurarem o Acompanhamento Espiritual com leigo/leiga muito anima e favorece para que sejam reconhecidos/reconhecidas no Ministério da Escuta. Todavia, ainda há muito caminho a ser trilhado, porque, embora preparados/preparadas, a “discriminação” do tipo “um leigo/uma leiga” para assumir tal atividade, ainda existe. É preciso sabedoria, coragem, equilíbrio e confiança na Ação e Presença de Deus para anunciar com ardor e colaborar com a missão redentora de Jesus Cristo (ibidem).

Constatamos que, ao falar deste protagonismo do leigo em relação ao Acompanhamento Espiritual dentro de uma estrutura de Igreja que, muito embora tenha, nestes últimos anos, dado passos significativos e importantes em relação a acolher e incentivar os vários carismas e dons que o Espírito Santo vem suscitando, ainda não podemos fechar os olhos para algumas realidades que, infelizmente, retardam o *kairós* na dinâmica da vida espiritual e pastoral da nossa Igreja, e aqui podemos destacar que uma delas é o “preconceito”. Contudo, acreditamos que, como nos fala a entrevistada, os leigos não podem nem devem desanimar diante dos obstáculos, mas precisam acreditar na força renovadora do Espírito de Deus, que sopra quando e onde ele quer e está aberto a esta nova aurora (Acompanhamento Espiritual assumido pelos leigos e leigas) que vem despontando no hoje da nossa Igreja.

4. Considerações finais

A partir dos estudos realizados, foi possível perceber a evolução do Acompanhamento Espiritual ao longo dos séculos. Antes, esse ministério era visto como direção espiritual, pois trazia a ideia de limites; hoje, pode ser analisado com um olhar novo, principalmente após o Concílio Vaticano II, pois teve um *aggiornamento* do termo para Acompanhamento Espiritual.

Esse ministério é muito importante para a vida das pessoas, pois requer, antes de tudo, certo carisma, que se exprime em dons e uma vida espiritual madura. O acompanhamento necessita ser cultivado, aperfeiçoado e amadurecido por meio de uma formação específica, pois quem acompanha deve ser testemunha da ação do Espírito na vida do acompanhado. Nessa experiência, o ser humano encontra-se com o outro, que o faz reconhecer o valor e a importância da pessoa humana, por isso ajuda, também, a melhorar a relação interpessoal. Quando o ser humano progride na relação com Deus, conseqüentemente, melhora a sua relação com as pessoas e tende a ocorrer a maturidade nas outras dimensões de sua vida.

O acompanhamento tem por objetivo a santidade, e, nesse percurso, o caminho é a oração e a fé. Este itinerário é um percurso pedagógico de discernimento, é uma ajuda, é uma arte que leva ao encontro consigo, com os outros e com Deus. Falar desse ministério é reconhecer o mistério que é o homem para si mesmo. Tendo em vista o homem na sua unidade e totalidade, o Acompanhamento Espiritual caminha para levá-lo ao encontro com Deus. Este estudo se revelou como uma oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a temática e possibilitou-nos exercitar o deixar-nos guiar pelo Espírito Santo.

Considerando o acompanhamento como itinerário para o crescimento espiritual, devem-se destacar, dentre as qualidades necessárias ao acompanhante, ser um amigo que acompanha, sem impor e obrigar suas ideias e, muito menos, julgar a vida do acompanhado, mas seguindo o modelo que é Jesus Cristo. A ação mais importante nesse ministério é a do Espírito Santo com a colaboração do acompanhante. Quem busca essa ajuda está trilhando um caminho evangélico autêntico, vivido em espírito de fé. Neste sentido, espera-se que o Acompanhamento Espiritual seja um instrumento pastoral divulgado e utilizado pelos cristãos no mundo de hoje, marcado pelo pluralismo, onde se faz necessária a pedagogia do discernimento espiritual, a fim de que as pessoas possam ter uma experiência pessoal com Jesus Cristo.

Com a realização deste artigo, foi possível, também, compreender o protagonismo dos leigos na Igreja, pois, a partir do Concílio Vaticano II, passou a ser reconhecido de modo mais evidente o seu testemunho de vida em Cristo. Os leigos estão assumindo, cada vez mais, os ministérios dentro desse cenário eclesial antes reservado só ao clero, confirmando, assim, que a tarefa de levar adiante a Igreja de Cristo é de todo o Povo de Deus, leigos, religiosos e clérigos, cada um segundo o seu modo próprio. Reconhecemos a existência de tarefas específicas destinadas ao clero e outras destinadas aos leigos. Elas não se confundem, mas se complementam e se sustentam. Dentro dessa unidade é que se edifica a Igreja, Corpo Místico de Cristo.

O que define o cristão leigo dentro da Igreja é, justamente, o que é comum a todos os outros seguimentos do povo de Deus: o fato eclesiológico de ser batizado. O Batismo é a porta para todo fiel fazer parte do Reino de Deus e ser instrumento para a missão da Igreja. No campo espiritual, a entrada dos leigos faz-se presente, principalmente, no acompanhamento de pessoas que buscam ser iluminadas pela Palavra de Deus e desejam crescer e amadurecer na sua fé.

Investir na formação do leigo é necessário, pois é constante e crescente a sua participação ativa na missão da Igreja. E, diante de tantos desafios, torna-se primordial que a Igreja disponha de agentes competentes e com sólida formação, tanto espiritual como doutrinal. Segundo o *Documento de Aparecida*,

para cumprir sua missão com responsabilidade pessoal, os leigos necessitam de sólida formação doutrinal, pastoral, espiritual e adequado acompanhamento para darem testemunho de Cristo e dos valores do Reino no âmbito da vida social, econômica, política e cultural (DAP, n. 212).

Um leigo atento e participativo na comunidade nunca deve esquecer que tem a permanente missão de evangelizar e colocar a serviço do bem comum os dons que lhe foram atribuídos pelo poder do Espírito Santo. O leigo é visto, pelo Concílio Vaticano II, como sujeito coletivo e individual que tem sua dignidade e ação derivadas da condição de batizado. Dessa maneira, a *Lumen Gentium* afirma:

Os leigos, congregados no povo de Deus e constituídos no único corpo de Cristo sob uma só cabeça, quaisquer que sejam, são chamados a contribuir para o incremento e para a santidade perene da Igreja, como membros vivos, aplicando todas as forças recebidas de Deus e de Cristo Redentor (LG 2009, n. 33, p. 73-74).

É dessa condição que advém sua missão dentro e fora da Igreja, seus direitos e deveres como membro da Igreja e, no coletivo, como segmento eclesial organizado. A

espiritualidade dos leigos é de uma vida à santidade para santificar o mundo, tendo Jesus como centro de tudo, manifestando Cristo aos outros, especialmente pelo testemunho de sua vida de fé, esperança e caridade. Portanto, esse trabalho de reflexão ajudou a perceber que, para acontecer um verdadeiro Acompanhamento Espiritual, deve-se seguir o modelo do próprio Cristo. Jesus é o exemplo fundamental para quem exerce esse ministério do Acompanhamento Espiritual.

Neste sentido, compreende-se o Acompanhamento Espiritual como uma relação de ajuda que aumenta a intimidade com Deus, porque é difícil entender os sinais de Deus sozinho; precisa-se, sempre, da ajuda de outra pessoa, a exemplo do que encontramos no livro de Samuel: “Iahweh chamou: ‘Samuel! Samuel!’ Ele respondeu: ‘Eis-me aqui!’, e correu para onde estava Eli, e disse: ‘Eis-me aqui, por que me chamaste?’” (1Sm 3,4-5). Neste trecho, Deus fala a Samuel, porém, ele não consegue discernir a voz do Pai, precisou recorrer a alguém com mais experiência no caminho espiritual para auxiliá-lo; foi Eli que desempenhou o papel de acompanhante na vida de Samuel. Assim acontece na vida de cada ser humano que busca um caminho de santidade.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. O que entendemos por Acompanhamento Espiritual?
2. Como vemos a participação dos leigos no ministério do Acompanhamento Espiritual?
3. Como contribuir para fortalecer a atuação dos leigos neste ministério?

5. Referências

Documentos do Magistério da Igreja

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in America*. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*. São Paulo: Paulinas, 1990.

_____. *Instrução acerca de algumas questões sobre a colaboração dos fiéis leigos no sagrado ministério dos sacerdotes*. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. *Catecismo da Igreja Católica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

PAULO VI, Concílio Vaticano II *Lumen Gentium*. São Paulo: Paulinas, 1977.

Autores

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Colaboração de jesuítas e leigos na missão: utopia ou realidade? *ITAI-CI: Revista de Espiritualidade Inaciana*, n. 45. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 32.

BARRY, William A.; CONNOLLY, William J. *A prática da Direção Espiritual*. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

BREEMEN, Piet Van. O Acompanhamento Espiritual hoje. *ITAI-CI: Revista de Espiritualidade Inaciana*, n. 65. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 41.

COTA, Terezinha das Neves. A missão do acompanhante no discernimento espiritual. *ITAI-CI: Revista de Espiritualidade Inaciana*, n. 37. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 5.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 3. ed. São Paulo: Paulus/Sinodal, 2000.

HOUDEK, Frank J., SJ. *Guiados pelo Espírito: direção espiritual em perspectiva inaciana*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ITALO, Castelliani mons. et al. *Direzione spirituale e orientamento vocazionale*. Milano: Edizione Paoline, 1990.

LOPES, Geraldo. *Lumen Gentium: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011.

MIRANDA, Tomás Rodríguez, SJ. *A Direção Espiritual: Pastoral do Acompanhamento Espiritual*. São Paulo: Paulus, 2010.

RAHM, Haroldo, JSJ. *Inácio de Loyola: um leigo de oração*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

RAGUIN, Yves. *A Direção Espiritual*. São Paulo: Paulinas, 1988.

SALONIA, Frei Giovanni Salonia, OFMCap. *KAIROS: Direção Espiritual e animação comunitária*. Petrópolis: Família Franciscana do Brasil, 2005.

SCIADINI, Frei Patrício, OCD. *A pedagogia da Direção Espiritual*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

VANZELLA, José Adalberto. *Protagonismo do leigo na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.



SEMINÁRIO NACIONAL PARA A VRC

Texto-Base



Conforme o Plano de Ação da CRB Nacional, acontecerá, de 7 a 10 de abril de 2015, o Seminário Nacional para a VRC. Este importante evento está em conformidade com a primeira prioridade do triênio 2013-2016: “Identidade e Mística”.

O objetivo do Seminário é *Reapropriar-nos do núcleo identitário para fazer arder o coração da Vida Religiosa Consagrada*. E o tema: *Assumir o núcleo identitário da VRC: atitude profética, processo mistagógico*.

A CRB publicou o Texto-Base, que poderá ser adquirido na CRB Regional ou Nacional.

É importante que a Vida Religiosa Consagrada se prepare para o Seminário Nacional 2015, participando tanto na realização de pré-seminários regionais, como nos estudos nos núcleos e comunidades.